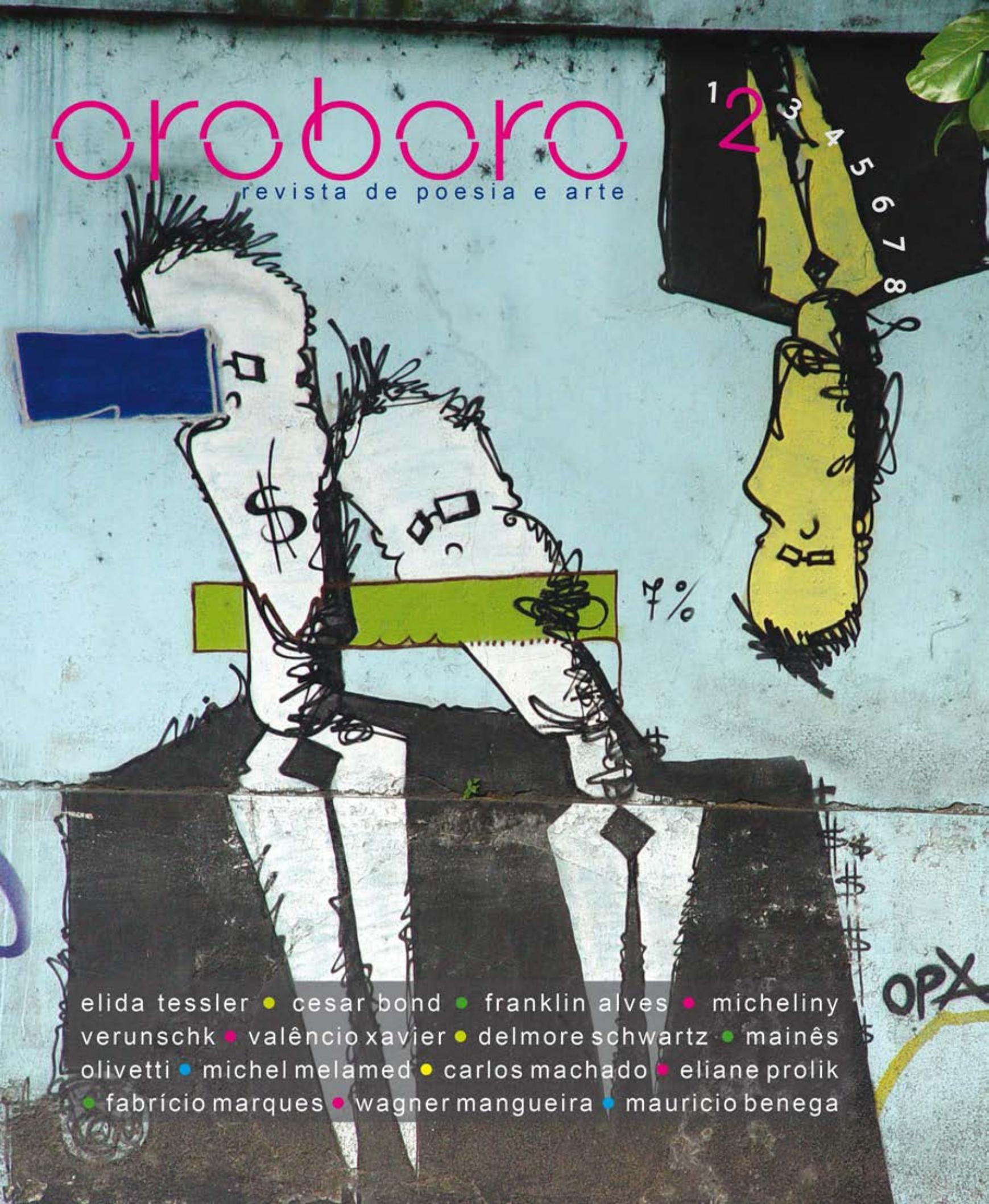


oroboro

revista de poesia e arte



elida tessler • cesar bond • franklin alves • micheliny
verunschik • valêncio xavier • delmore schwartz • mainês
olivetti • michel melamed • carlos machado • eliane prolík
• fabrício marques • wagner mangueira • mauricio benega

OPX



AXUX

Grafites: da capa (Rio de Janeiro), da página 2 (Buenos Aires), da página 3 e contracapa (Curitiba)

100% SNEP/0 AR

elida tessler

um olhar que cai, e escorrega

Manoel Ricardo de Lima

Conhecia Elida Tessler em Fortaleza, no Ceará, em 1999. Era agosto. Mês de ventos intermináveis. Dizem por lá que é um tempo para fechar as janelas da casa, cerrá-las, precisamente, para que o vento não derrubete tudo. Elida estava em visita à cidade, como Edson, sempre preciso e atento, e as filhas que corremeram, Sofia e Alice. Um amigo comum, artista plástico, Eduardo Frota, nos apresentava para que ela participasse de um projeto que eu coordenava com um outro amigo, Carlos Augusto Lima, o Uma conversa: poesia. Porque preferimos as coisas assim, com carinho, com delicadeza, no entre amigos, deixando o vento conversar a vida a cada um quê. E sempre abrimos as janelas, inda mais sem tempo de ventos fortes, porque o que está de pé pode cair, e muitas vezes é bom quê. E assimimos isso, dos amigos, por que toda neutralidade é mítico. Destem e primeiro encontro com a Elida, fizemos um livro: *Fala sinacabadas* – objeto e um poema, publicado em 2000, pela Tomo Editorial.

Elida, nascida em Porto Alegre, moradora do entre as ruas do bairro do Bom Fim, além de artista plástica, é professora do Programa de Pós-Graduação em Poéticas Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, e coordena junto com Jailton Moreira o Torreão, há 11 anos, que talvez seja hoje o país único espaço não institucional para experimentação e arte contemporânea. Espaço que também funciona como ateliê e como sala de aula e pensamento. Ainda, além de ter um trabalho que, de longe ou de perto, insere uma discussão (quase uma precisão) que, muito a meu ver, se faz mais que necessária hoje nessas brechas de tantos nãos: adopassoprévioentreumanteuseumdepois, adoapontaruma natureza



outra de um acrise ou trado a acontecimento precedido; depois a fissura, a re-elaboração (ainda) daperda, mas de uma outra forma. O trabalho da Elida nos diz dos ganhos que o que está aparentemente perdido aínda pode ter e tem força para nos indicar, como pista ou vestígio, que seja, mas o que ainda firma aumeixo, tênu e ou frágil, que também seja, mas comodisse: ainda há a crença, ainda há alguma crença.

Assim, o trabalho da Elida hoje, paramim, parte de uma frase que solta, entre as coisas que ela mais tenta – as marcas da passagem do tempo e um re-posicionamento das coisas que perdem lugar e função no mundo, na vida, as sobre as os restos –, aponta o princípio de desossiê: um arco lhadado entre os. Frase que imediatamente pode seguir-se a uma outra ditadura: meu olhar é um olhar que cai, e escorrega, e que nunca perde vista. Depois, mais duas: mas pertinho não se fica aquem não se conheceasmãos, que é minha, mas sempreachei e depois confirmei, também é da Elida, depois o trabalho que montou a partir. Frase que ainda deve ideia de uma outra: algumas vezes é impossível ficar acordado, ou dormir, de um belíssimo e curto narrativo de Jorge Viveiros de Castro, Noturno. Desta forma, são estas brechas, estas dobras, numa interdição provocada a como vinha, como as questões desenhadas por um rio denso, caudaloso, forte e de correnteza prenhada de impasses, como uma avnidade gente em abandono, espremidapor um leito de prédio e sombra, quem muito lentamente poderia fixar incertezas de cotidianas no trabalho da Elida: nem amor nem ódio, nem tristeza nem alegria, nem proximidade nem distância, nem gesto nem pausa, nem olhar nem cegueira, nem dentro nem fora. Mas sume a estarnomundo que passa, simples, feito uma oração aonada, mas uma oração, que a pena se separa e sem pedir ou ferecer: isso também é

estar no mundo e isso pode ser um escopo para tornar a vida possível: os entres, todos os quenos aumentam e nos diminuem, feito a vertigem do registro de uma passagem do tempo e de um olhar que cai, e escorrega.

São essas coisas todas, e mais algumas, anotadas à revelia do que as mãos conseguem numa possibilidade de encontro, que também penso, para dare exemplo aqui de como se faz o trabalho da Elida, um seu acordo entre: Elida e uma manicura de sua vizinhança da casa: na vida que se dá lenta e simultaneamente aos nossos olhos, e comodizer dela é difícil, e comodizer dela pode instar num tatear devidros de esmalte endurecido, que não servem mais para fazer as mãos e que são – numa rotina – jogados fora. Eai, serenamente, a pergunta que se estabelece no acordo: dá para fazer as mãos? Desta, o por onde surgem alguns dos outros pontos do acordo: o corte, a lixa, o polir e opintar as unhas, o retirar das cutículas, ou só a base incolor. Tudo isso feito durante um procedimento de tempo, o que vem no interior da pergunta: dá tempo fazer as mãos?

Este fazer é a pergunta, que seria estranhonão fizesse separado do hábito de pintar as unhas, é que dá material para o trabalho da Elida: fazer a mão, as mãos que se fazem entre as mãos, algum contato. Um ameade trés metros de comprimento, com trinta centímetros de largura e um metro de altura, revestida com fórmica branca e vários, firmes, vidrinhos com restos de esmalte coloridos, que iriam compor o lixo da rua, dispostos sobre ameses sem nenhuma arrumação prévia, pensada, organizada ou mesmointuída, senão, e apenas, apartir de despojada almano gesto preciso e preciosidade irreza damão. Vistos de perto, os vidrinhos tomam vida e são pequenos esboços, marcas, de um sem-tempo, mas com uma duração que se registra na recolha,





no colecionar à toa, no guardar objetos desprovidos de lugar e função neste mundo de um serviço de, sempre, um serviço de. É uma afeição que se dá a construir, um estar a fétivo proposto pelo tênué, mas fundamental, experiência duração de estat temporalidade entre: Elida, a manicura, os vidrinhos coloridos.

Bergson disse que essas coisas não são senão duração, e que a duração é aquilo que há de mais íntimo em cada ser, em cada coisa. E talvez possamos, apartir do trabalho da Elida, pensar numa outra pergunta: como perdemos o tempo? Vistos de longe, os vidrinhos tomam o sentido de uma fratura no tempo. Da busca incansável, mas muito em silêncio, de um específico, do que transita de um imediato agora para um imediato seguinte. São as nossas incertezas nesse cotidiano, na vida mesma, nesses desmesurados estados de abandono que parecem dispostos ali, sobre a mesa de fórmica branca, em cor, endurecidos, vidro e tintas secas, num cordoatávio de mãos: um ar colhade entre. Como uma folha de panurgo: uma escrita tão util que nada se vê escrito nela.

E para compor ainda mais sobre este outro gesto, sempre tão útil, convidei Jailton Moreira, também artista plástico, professor de artes plásticas, e que dividiu o video Torreão e uma conversa com a Elida há um bom tempo, paradizer disso aqui; e também Verônica Stigger, que escreve histórias bem-humoradas, como em seu recente livro, O Trágico e Outras Comédias, também gaúcha, que sabe de perto o trabalho da Elida, mesmo haja morando em São Paulo, onde concluiu o doutorado em Teoria da Arte, para arriscar o entre apalavrado o objeto. E por fim, durante um certo tempo de boas conversas soltas, eu e Elida nos demos o árduo (mas prazeroso) trabalho de organizar toda essa conversa em forma de entrevista. E é isso que segue neste dossier.

Manicure (detalhe)
2002- Móvel revestido com fórmica
branca e vidrinhos de esmalte
100 x 50 x 3 cm
Foto: Alessandro Asbun

'O partido das coisas'

por Manoel Ricardo de Lima

OROBORO Fale um pouco sobre isso que você diz de ter um olhar que cai, e escorrega.

ELIDA TESSLER Ter um olhar que cai, que escorrega, equivale a essa vertigem desejante de lidar com o gôndola procurado, que chega por acaso, que passa pela fresta. Um olhar que cai pode tanto espantar-se de forma irreversível, espalhando cacos do visível, como esparramar-se de forma macia e homogênea pelo terreno como quais separam-se. Um olhar que cai, escorrega. Seu conteúdo material derrama-se, misturando-se a o que já está aderido à paisagem, seja ela de que ordem for. Assumir um olhar em queda exige atenção ao detalhe. A pequeno. Ao irrisório. Ao mímico. A dispensável. Ao fragmento. Ao resto. À coisa nenhuma. Às sobras de tudo o que foi e poderia nem ter sido. E ao que não foi, que também é sobra, sendo obra de desarte.

Lembro de sempre ter gostado, desde a infância, de ficar recolhendo os farelos de pão que caíam sobre a tábua das mesas, se jada própria tábua de cortar o pão, se jadas pratos individuais de cada membro da família. Com esse material, criava desenhos que não podiam ser vistos, que se desfaziam momentaneamente ao retirar as coisas das mesas, desacudir a tábua, desarranjar os objetos no lugar. Meus desenhos choviam para o chão, ou para o cesto de lixo. Lembro também de momento da descoberta de que poderia criar formas mais firmes com o miolo de pão, e com esse amálgama matérico, solidificava alguns devaneios até então somente entregues às nuvens.

Em meu período de formação no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inventava exercícios que a os poucos foram incorporados como método de trabalho, como, por exemplo, fechar os olhos e seguir a minha rota de casa, até gerar contorção. A operar o movimento, escutava a minha própria voz de comando: abri os olhos e olha o que, em primeiro momento, estivesse diante de mim. Não poderia haver desvio, nem para aquele cantão de olho que piscava, apontando travessura. Ali, naquele ponto, a escolha e o choque encontravam-se a caso. Dessa forma, eu obtinha o que chamava de "modelo" para desenhar. No mais, procedimentos determinavam resultados.

Desenhava sapatos, xícaras de café, cantos do quarto, um rádio, bolsas e gavetas abertas, toda espécie de pretexto para riscar papel. Casacos pendurados, telefone, apiado banheiro, guarda-chuva. Tudo absorvia a opção pigmentar da lápis pastel. Sempre me interessei pelas coisas. Hoje me interesso pelo que Francis Ponge evoca, em seu livro *O partido das coisas*, ou por *Les choses*, de Georges Perec (ainda sem tradução no Brasil). Mas como explorar todas as qualidades de uma coisa? O que é visível em uma coisa?

OROBORO Seu projeto *Falas inacabadas*, o que é por onde comissão, desse vertigem, desse fazer falar as coisas?

ELIDA Ao querer fazer falar as coisas, iniciei um projeto que já durava mais de 11 anos, intitulado *Falas inacabadas*. Deste projeto, do qual participas de o momento em que respondeste compoemas àquilo que até então eram somente objetos, fazem parte múltiplos recipientes do cotidiano que merecem de continentes, digamos assim, para esse murmúrio do tempo: o enferrujado, o empoeirado, o úmido, o descartado, o que está prestes a tornar-se invisível. Ter realizado o livro *Falas inacabadas* junto contigo aproximou-me ainda mais da literatura, da palavra como imagem e imagem como escritura.

Esta declaração Tenho um olhar que cai, que escorrega a correr um momento em que Alexandre Veras, um dos fundadores do Alpendre – junto contigo e outros – e coordenador do núcleo de vídeo, capturava imagens enquanto preparava a exposição *Falas inacabadas* no Alpendre, em Fortaleza, em 2000. Esta exposição a convite de Eduardo Frota, também fundador do Alpendre, artista e amigo que



Assumir um olhar em queda exige
atenção ao detalhe. Ao pequeno.
Ao irrisório. Ao mínimo...

admiro muito, com quem aprendo sobre perseverança econvidação. Estávamos naquele estreito corredor, espremido entre prédios, mas a céu aberto. Eu já tinha estendido o meu fio de varal e estava pendurando os sessenta metros de toalha branca que eu havia trazido de Porto Alegre. Estender as toalhas era, naquele momento, minha tentativa de entender o pano branco, a textura felpuda, o silêncio poroso da toalha, sobretudo, experimentar sua capacidade de absorção. O imaculado do branco não me possibilitava muitas falas inacabadas. Estas dependiam da passagem do tempo, desejus registros, dos casos que se impregnaram numa superfície, seja de vidro, de louça ágata ou tecido de algodão. Incorporações dos vestígios de dia. Estender as toalhas brancas no varal era colocar em momento de espera, outro de meus métodos de trabalho que sempre conta com a passagem do tempo.

Foi naquele momento que me dei conta de que não haveria a possibilidade de chuva, que comecei a molhar o tecido como quem rega as plantas. A mangueira com o extensor, umbraço esticado, uma tromba e as guichá líquidos preciosos. Inevitavelmente, meu olhar seguia o jato d'água, brilho e transparência em manhã ensolarada. Vertigem. Vertigo: o olhar caiu e encontrou, em um canto, garrafas empilhadas, na outra extremidade do estreito corredor, madeira e ferro velho, entulhos, falas inacabadas. Um pedaço de arame enrolado foi suficiente para encontrar o destino das coisas que me acompanharam desde minha idade: bacias de louça branca, pingentes de cristal caídos sumidos em um lustre belga, a casa de meus avós, meias denáilon, prendedores de roupa, varais pantográficos.

OROBORO E o desdobramento dessas tantas falas na exposição *Vasos comunicantes*, na Pinacoteca, em São Paulo, no Fundo de rumor mais macio que o silêncio...?

ELIDA Essa possibilidade de lavar as toalhas, fazê-las mergulhar em águas claras, deixando-as decantadas ao li-

vre, secando em varais improvisados; o que é o alhagar-daria desse momento seria a sua memória: uma mácula. As toalhas ficariam impregnadas de alguma coisa que ainda não sei o que é. Penso as toalhas como um grande silêncio branco.

Foi preciso deixar algumas bacias de metal e louça, bem como outros pequenos recipientes dispersos no chão da galeria. Como para aí a tentar reter o olhar que cai, e escorrega. Disse-me um dia Etienne Samain¹ que defalas inacabadas nossas vidas estão repletas, e citou algumas delas: susto, suspiro, sorriso, sonegação, sustento, subdesenvolvimento, surpresa, sonho... Ressonâncias à deriva. Seria o momento de eleger o acabado? Ainda não.

Fala sinacabadas, enquanto projeto, teve uma apresentação especial a partir da iniciativa da curadora Angélica Moraes, que propôs a exposição *Vasos comunicantes* à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Essa exposição reuniu 10 anos de Falas inacabadas, eficou aberta ao público de maio a junho de 2003. Quando pensei ter chegado ao fim de um projeto, eis que surge Fundo de rumor mais macio que o silêncio, falas inacabadas por excelência, já que sublinha a perda de um amigo que vinha acompanhando o trabalho desde 1993. Esse trabalho foi concebido um dia após a morte de Haroldo de Campos, e apresentado no Mac-Fortaleza, integrando minha exposição *Horasafio*. Haroldotinha, inclusive, um projeto de intervenção poética no Torreão.

OROBORO Isso de uma certa construção, de pouco, das sobras, das deslocadas, do que não tem lugar no mundo lhe interessa sempre muito. Como isso em meio a tantas listas de coisas que você gosta de fazer no seu trabalho, para talvez recolocar?

ELIDA Como construir o pouco? Nada muda muito: pouco. Será pouco aqui. Pouco tempo, pouco caso, pouco pouco. Pouco escuro, um pouco claro, pouca escuta, pouco justo, pouco peso, pouco espaço, pouco espesso, pouca luz. Pouco. Pouco ruído, pouca voz, pouco ronco, pouco sono, pouco som. Pouco aperto, sem pressa. O pouco que nos resta no tempo que não temos mais. Tatear, buscando o preenchimento. Texturar as páginas, absorver as linhas,



contaminar o espaço. Uma forma de exercitar o desprendimento, tão necessário hoje, porque se já não há tempo, o que dizer do espaço? É preciso reduzir: chegar ao pouco. Desejar o pouco. Todas essas motivações me vieram a partir da leitura do poema *Pouca*, de Tars de Melo, livro que comprei nomes modiados no lançamento de *Falas inacabadas* na Livraria Duas Cidades, em São Paulo, e que esteve presente, lá, conosco. Percebes como é difícil buscar o pouco quando a propriedade se duplica? Nas conversas também multiplicam-se contatos com outros amigos poetas. No poema, Tarso evoca varais, Dalita também, uma imagem de ferro de passarroupas. Tempo que cido. Tempode esquecimento. Passar, repassar, repensar: passa-passará. O que fazer com as coisas? Para onde vão as coisas? Qual destino das coisas? Muitas coisas. Poucas coisas. Listar as coisas. Olhar para as coisas. Se conhecernas coisas, apartir delas, através delas. Apego às coisas. Necessidade de repertório. Desejo de vitrinas. Olhar as coisas através da transparência do vidro. Esbarrar no silêncio dessa transparência. A lista gem de coisas acabou por se tornar, em meu processo de trabalho, um novo exercício metodológico. Sempre tenho comigo um caderno onde vou listando as coisas a serem feitas. De súbito, listo apenas coisas. Coisas que terminam em DOR, por exemplo: apontador, grampeador, coador, liquidificador, computador... Palavras que designam objetos que têm, em seu sufixo, estas três letras: D O R.

OROBORO Doador, então, talvez seja o nome desse princípio de lista de objetos, das coisas que falam desmesmas, de deixar falar as coisas. Como ele se concretiza?

ELIDA A idéia do trabalho Doador veio como forma de compartilhar um fazer: eu não faria o trabalho sozinha. Para construir o que eu pretendia montar na Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1999), precisei contar com a participação de 270 pessoas, que atenderam minha carta a elas dirigida como pedido de doação. Quando recebi o convite para participar do evento, remeti a carta para todos aqueles que constavam em minha agenda nesse momento. Defini o prazo de seis meses para a entrega dos objetos, e me propus a esperar no Torreão, desegunda a sexta,

das 14 às 18 horas. É claro que eu não consegui cumprir esse horário, e em várias vezes foi Jaiton que recebeu os objetos para mim. Estabelecer-meus interlocutores por uma agenda de encontros constituiu-se como uma nova regra, que só foi rompida quando uma espécie de correente controlável foi tomada de forma, fazendo com que eu recebesse, não somente os objetos, mas também cartas e e-mails declarando: "Elida, eu tenho uma coisa para te dar..." Pode haver coisas melhores do que isso? Finalmente, decidi adotar a forma de um corredor (claro, os sufixos do presente na palavra...), mas não qualquer um: as medidas e aspectos formais são os mesmos do corredor que sempre ligou a porta de entrada do apartamento de meu avô à porta de nosso apartamento. Mesmo prédio. Mesmo andar. Percurso cotidiano. Hoje em moro, com minha família, nos dois apartamentos, e o corredor foi absorvido como espaço interno, de passagem.

OROBORO E esta sua lista de nomes, do onde e o como nasce um nome, como você se pergunta, os Claviculários?

ELIDA Lembro que vi a palavra CLAVICULÁRIO pela primeira vez na Casas das Fechaduras, na Rua Vigário José Inácio, no centro de Porto Alegre. Naquela caixa metálica, estava apoiado um pedaço de papelão com a palavra CLAVICULÁRIO, caligrafia tosca feita em pincel atômico. Abelezado objeto e abelezado nome, tudo junto. Musical e medicinal ao mesmo tempo: clavado sol. Clavícula. Como nasce um nome?

Me parece que cada um de nós fabrica suas listas, seja mentalmente, seja por escrito. Estabelecemos listas para combater o esquecimento. Me parece ainda que, umavez repertoriados, os objetos comuns adquirem um outro estatuto. Há um aumento de valor de existência, nos fornecendo um pouco mais de ilusão face à organização fictícia de nossas vidas. A partir da convivência com alguns autores e artistas, como George Perec Peter Greenaway, eu aprendi a pensar classificando coisas e palavras que designam a passagem do tempo, ou ainda um vocabulário de verbetes desconhecidos dentro de um texto literário. Eu sublinho as palavras e estas

Eu sublinho as palavras e estas tornam-se objetos. Eles formam listas. Ambas, palavra e coisa, desenham uma existência.

tornam-se objetos. Eles formam listas. Ambas, palavra e coisa, desenham uma existência.

Insistente, nós nos dedicamos a fazer listagens para as compras de supermercado, lista de materiais escolares para a escola das crianças, lista de coisas a fazer durante a semana, lista de livros ralés (e outras para os livros já lidos), lista de convidados para uma festa, lista dos discos a comprar (esta é um empréstimo de Jailton, obsessivo colecionador de discos!), lista das boas intenções para o próximo ano.

Quantotempoumapessoaoapode dedicar a repertoriar todos os objetos de sua casa, um por um, situando inclusivamente lugar onde esse encontra? Cozinha, sala de estar, corredor, quarto, banheiro, no interior de armários, guarda-roupas, prateleiras. Com que objetivo?

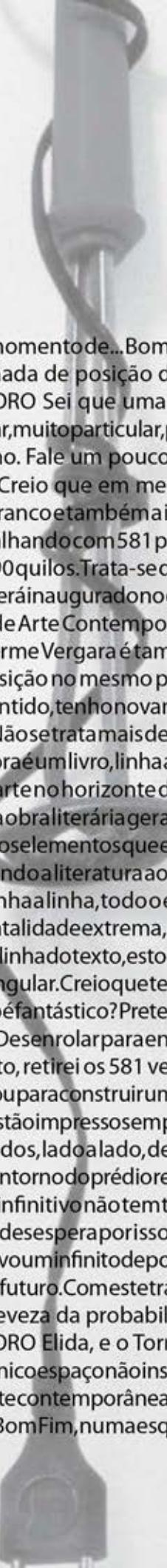
Um divertimento? Uma necessidade íntima? Que razão pode desencadear o movimento de quem estabelece uma lista? Ao lado da cama de minha mãe, após sua morte, encontrei uma listagem. Tocada por um bloco de notas ordinário, peça de publicidade de um fabricante de agendas com nome comercial Não esqueça!, tomei para mim essas folhas preenchidas por uma escritura dita por objetos vivos. Hoje, não encontro parte dessa lista. Ela desapareceu com medo de ser colocada a opúblico de forma tão pouco pudica: uma revelação súbita.

Claviculário então, primeiramente, foi o título da intervenção especialmente concebida para uma das salas do Centro Universitário Maria Antônia, exposição inaugurada em novembro de 2002, ficando aberta ao público até fevereiro de 2003. Esse trabalho deu continuidade a uma pesquisa e uma produção visual em torno da noção de segredo e uso de palavras-chaves. Trata-se da criação de trabalhos a partir do elemento chave, onde são gravadas palavras no lugar destinado a recortes de segredo. A idéia do trabalho tem origem na visita que fiz a esse espaço, quando observei a presença de uma porta que não possuía passagem. Esta porta cumpria apenas a função de delatar uma parede bloqueadora que antes poderia ter sido uma conexão entre espaços distintos. Para uma porta sem passagem, criar uma porta-chaves: um claviculário que guarda chaves com segredos incomuns. Com esse trabalho,

creio ter sublinhado o esforço de todos nós para obter a senha que permita a desobstrução da travessia do desejo.

OROBORO O desenrolar dos Claviculários no trabalho do CCBB, em 2003, na exposição Ordenação e vertigem, com curadoria de Agnaldo Farias, o Todos os nomes chaves, por exemplo, parece marcar outra sensação de continuidade do seu trabalho, é isso?

ELIDA O trabalho tem por título Todos os nomes chaves. Todos os nomes é o título do romance de José Saramago. Este é um romance-vertigem, um profundo mergulho no redoburocrático das classificações suas falhas metodológicas. Há muitas coincidências entre a estrutura do romance e o conceito da exposição Ordenação e vertigem particularmente como meu trabalho. No romance, a ambientação de base é um cartório, com todos os seus fichários e estruturas simétricas de organização do espaço. Fiz uma associação direta entre o cartório e o cofre do banco. O personagem principal, Sr. José, é um grande colecionador. Entre suas coleções, está ade recortes de jornais que tratam de pessoas famosas. Entre elas, um BISPO! Em uma de suas buscas desesperadas de repertórios pessoas (os arquivos são divididos basicamente entre OS VIVOS e OS MORTOS) foi sugerido ao Sr. José que procurasse os nomes na lista telefônica. Tomei essa indicação para mim e me apropriei de todos os nomes CHAVES da lista telefônica de São Paulo e de Porto Alegre, fazendo interseções entre esses espaços. Caso a exposição siga para outro destino, terei que acrescentar TODOS OS NOMES CHAVES da lista telefônica do lugar, e assim por diante. 864 nomes Chaves, gravados em placas de latão, distribuídas em ordem alfabetica, por todo o espaço interno do antigo cofre do banco, configurando uma grande caixa de correspondência. O desenho do trabalho inclui uma fresta para a colocação da carta e o tambor para o encaixe da chave. O desenho é de uma simetria absoluta. A ordem alfabetica, a criação de octogonais e as cores dos materiais, seja o verde-escuro do próprio cofre, ou a ralé do latão, o prateado do tambor para chave, a repetição do nome CHAVES, tudo leva a uma grande ORDENAÇÃO. A VERTIGEM, creio,



estava no momento de... Bom, deixei essa possibilidade para a tomada de posição dos próprios visitantes!

OROBORO Sei que uma certa condição de olhar, um seu olhar, muito particular, permeia a marca e demarca seu trabalho. Fale um pouco disso.

ELIDA Creio que em meu trabalho há uma insistência do branco e também insistência do muito. Hoje, estou trabalhando com 581 pratos de louça branca, que pesam 1.290 quilos. Trata-se do trabalho Horizonte provável, que será inaugurado dia 4 de dezembro de 2004, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. O diretor Luiz Guilherme Vergara é também o curador desta e de outra exposição no mesmo período: Poéticas do Infinito. Nesse sentido, tenho novamente algo a estender para entender. Não se trata mais de metro sem metros de toalha branca: agora é um livro, linha a linha, que quero estender na praia. A arte no horizonte é provável, de Haroldo de Campos, é a obra literária geradora de novo trabalho. Com os vários elementos que estou construindo, sinto estarde devolvendo a literatura ao litoral. Meu gesto atual é decortar, linha a linha, todo o ensaio. Conhecer o livro na sua horizontalidade extrema, radical. Com as pontas unidas de cada linha do texto, estou obtendo uma fita métrica bastante singular. Creio que teremos cerca de 600 metros de livro, não é fantástico? Pretendo desenrolar o fio que une a beira da praia. Desenrolar para enrolar novamente. E isto.

Do texto, retirei os 581 verbos no infinitivo que Haroldo utilizou para construir um pensamento provável. Os verbos estão impressos em pratos de porcelana branca, a serem colocados, lado a lado, de forma a criar um colar que seguirá o contorno do prédio redondo de Oscar Niemeyer. Overbono infinitivo não tem tempo. Ninguém maistem tempo, esse é desesperador por isso. Overbono: faz desse estudo infinitivo um infinito de possibilidades, sempre presente, passado ou futuro. Com este trabalho, uno a gerundio de sempre a leveza da probabilidade.

OROBORO Elida, e o Torreão, que talvez seja hoje no Brasil o único espaço não institucional para experimentação e arte contemporânea, ali, na charmosa Rua Santa Terezinha, Bom Fim, numa esquina, num adro, num lu-

garde entre, com aquela chavinha que caí pelas janelas quando se toca a campainha, enfim, fale um pouco do Torreão.

ELIDA Repito aqui o que ouvi ainda ontem de meu amigo Jailton Moreira, com quem compartilho esta deliciosa sociedade: o Torreão, antes de ser um lugar ou uma atitude, é ele duas pessoas. Tem sido assim há mais de 11 anos: queremos fazer o que fazemos, assumindo todas as responsabilidades. Eu e Jailton nos conhecemos no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1980. A primeira vez que o vi, ele estava mostrando seus desenhos em lápis e pastel no bar, para um grupo de amigos. Amei aproximar, batendo olhos nos trabalhos, já antecipando desejo de estar perto, portegostado do que via e ouvi, pelas sinceras e dedicas demonstrações de prazer em mostrar-las. Naquela época, isso tudo eram muito inédito, provocador. Jailton e eu fomos colegas de algumas disciplinas e logo nos tornamos colegas como professores na Escolinha de Arte da Associação de Ex-Alunos do Instituto de Artes/UFRGS. Trabalhávamos no mesmo horário, em turmas diferentes, porém com a porta aberta. Ali, estreitamos nossos laços, sempre apoiados em convivência e conversas constantes, ampliando nossos repertórios de artistas, compartilhando o envolvimento com nossas respectivas produções e os nossos modos de conceber uma proposta artística. Jailton sempre falava muito em cinema e em literatura, cada qual configurando suas listas de filmes/livros. Tivemos também oportunidade de realizar algumas viagens juntos, principalmente à Bienal de SP, a começar por 1983, e um viagem a Minas Gerais. Tudo isso deixou marcas importantes em nossa interlocução.

E me formei no Instituto de Artes em 4 anos, e Jailton conseguiu permanecer no curso por 16. Essa diferença de ritmo também permitiu que percebêssemos outra forte diferença: o desejo ou não de cumprir "contratos" institucionais. Elogi o partidar cursos de pós-graduação, enquanto ele seguia suas propostas de educação através da arte, seja para crianças, adolescentes ou adultos. A necessidade de espaço para desenvolvimento de suas atividades com adultos foi uma forte razão para a abertura do Torreão. Enquanto estive fora do Brasil, Jailton e eu continuamos



O Torreão é uma somatória de nossas convicções e de nossas dúvidas a respeito da arte, a respeito da vida, mesmo.

nossa conversa, sendo que Jailtone Rosina, sua mulher, me fizera algumas visitas em Paris. No momento de noticiar meu retorno, Jailton perguntou-me: fazero quê no Brasil? (era a época do impeachment de Collor), ao que pude responder: fazer alguma coisa. O Torreão é esta alguma coisa eternizada, a longo desses 11 anos, alguma coisa muito importante para nós dois.

Desde o encontro do imóvel até a concepção do que seria a ideia desenvolvida, continuamos com a nossa prática de conversas. Aí díade convidarmos artistas para realizar intervenções natorres que surgiram também dentro desse desejo de incremento de conversa, ampliação de diálogos entre os participantes e troca de informações. Tínhamos garantia de ter conosco, pelo menos durante o período de montagem e apresentação do trabalho, mais um interlocutor. Comele, vinha o público, os amigos, melhorizando, que também criava uma interação direta com os alunos de Jailton.

TORREÃO é o nome que demos a nosso espaço por ele ter um torre, um pequeno observatório nos altos da casa. É este o espaço que destinamos para a intervenção de artistas, que criam trabalhos para o local, como elementos que constituem, isto é, escada, corrimão, pia, 12 janelas, espaço de mais ou menos $4,5 \times 4,5$ metros e um pé-direito de cerca de 3,5m. Os trabalhos são concebidos e destruídos aí mesmo, pois não há grandes aberturas para passagem de volumes hiperdimensionados. Mas o Torreão, como lugar, como idéia, não se reduz a esse espaço datorre, ao contrário. É todo o conjunto: espaço físico demais ou menos 200 metros quadrados e espaço de idéias, envolvendo muitas atividades.

Além das intervenções de artistas, com uma média de 6 por ano, temos encontros para discussões e conversas com artistas intelectuais interessados em apresentar suas problemáticas de trabalho. Esses encontros, os quais chamamos "Conversas", acontecem geralmente aos domingos, seis da tarde. Como já existem a longo desses 11 anos, acreditamos que estejam fomentando, em níveis diferentes para cada um dos freqüentadores, uma base para reflexões um pouco mais profundadas a respeito do nosso contexto artístico/cultural e acerca das razões de uma proposição

artística. Como já disse, o Torreão é também meu atelier e do Jailton, é o lugar onde ele desenvolve sua atividade como professor, que inclui orientação de trabalhos individuais, análises de filmes, projeção de vídeos e slides, leitura de textos, sempre com muito espaço para discussões. Dessa atividades, tento participar o máximo possível, considerando que tenho grande parte de meu tempo preenchido por minhas atividades no Instituto de Artes da UFRGS, onde sou professor desde 1993, ano que coincidiu com meu retorno de Paris, onde concluí meu doutorado e ano de inauguração do Torreão.

A longo desses 11 anos, estreitaram-se muito as relações entre o Torreão e o Instituto de Artes, sendo que muitos alunos de um de outro a meses de tempo. Poderíamos dizer, creio, que o Torreão é uma somatória de nossas convicções e de nossas dúvidas a respeito da arte, a respeito da vida, mesmo. Temos a proposta de associar sempre a produção a um reflexão, a um pensamento, a perguntas sobre o como e o onde, sobre quando e para quem. Assumimos as oscilações, já que elas nos colocam à prova, e isto é o que tem nos movido e aumentado o nosso entusiasmo.

É preciso também lembrar que o Torreão não recebe nenhum tipo de subvenção. O investimento é nosso, particular. Sobre vivemos como que podemos/queremos gastar. O que não nos impede de colocar em prática nossos projetos. Obviamente, contamos com todos: como artistas que se propõem a produzir bancos, custos de seu trabalho, a instituições como a Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria da Cultura do Município, incluindo aquio Atelier Livre da Prefeitura, o próprio Instituto de Artes, em algumas promoções conjuntas. Vale sublinhar que mantemos um acordo com o Goethe Institut, de Porto Alegre, que traz a cada ano um artista alemão para realizar um trabalho no Torreão. Este acordo configura-se como uma bolsa-residência, em que o Torreão entra como espaço de atelier e suporte afetivo durante o período de um mês.

¹ Via e-mail de 24 de abril de 2000. Etienne Samain é professor da Unicamp e organizador do livro *O Fotográfico* (SP, Hucitec/CNPq, 1998). Sua proposição de que a fotografia é tanto ferida quanto cativante foi muito preciosa em vários momentos de minha pesquisa.

pequenas inconfidências de im



Outubro de 98

Enquanto o vento lava o ar da manhã, toalhas secam. Poucas palavras suspensas nos fios condensam a umidade gris. Palavras só também fios, linhas tecidas. Um movimento se transforma memória (tempo tempo tempo tempo). Outro instante: abandono - estagnação. Hospício São Pedro. Nestelugar eram muitos e havia de tudo, mas nada se mostrava inteiro: canto desabiá persistente; um grito está lavapróximo; atrás das basculantes deslizava um espectro sobrecortes de papel colorido. Plantas verticamente recimtom alcátrazados sob nossos pés. Olhei e não podia ver donopátio vazio. Eles falou de setecentos loucos. Setecentos nódulos que imantaria maré tina quando elas surfasse na vastidão. As nove palmeiras cumpriam uma inútil acupuntura vegetal. Nove pára-raios invertidos. Ove bodes apareceu. Caminhávamos sob um temporal. Panos palavras suspensos no instantesão notas de um pauta sem canto. Isto já não é poesia. Isto já não é arte. Estes já não são homens. Foi apenas uma manhã que nos escreveu com sua dolorosa caligrafia.

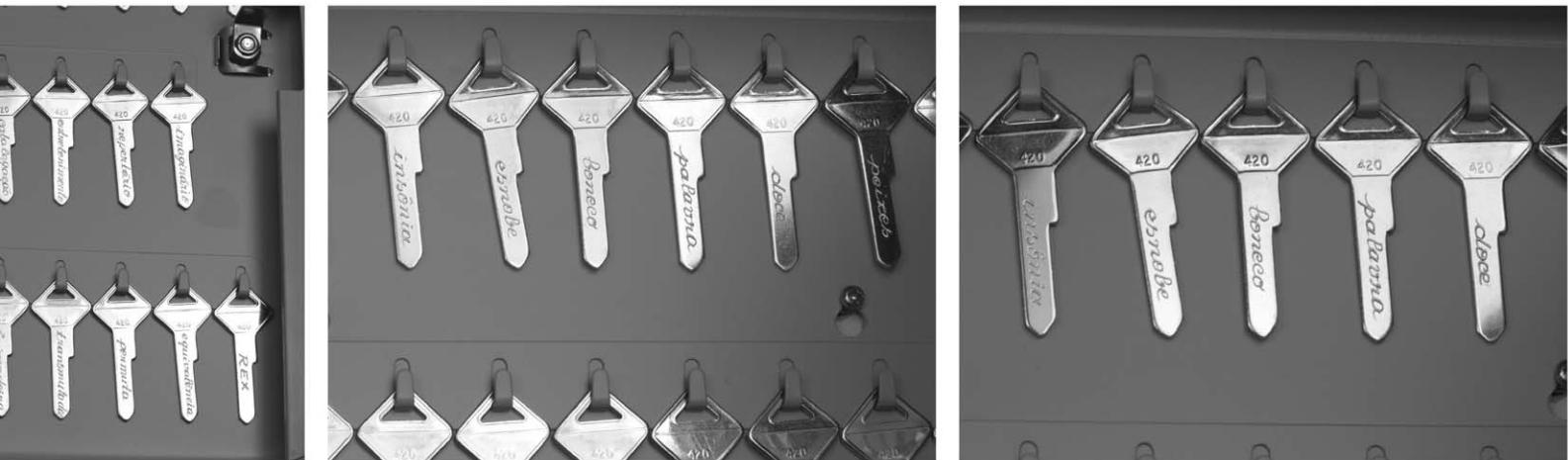
Segunda-feira

No Torreão, natua sala - um de cada lado da mesa. Sobreela, prendedores de roupas agora eram presos por palavras. Escolhas arbitrárias. Lembrei: um sistema é igual quer sistema. Porém tu afabril havia como as palavras gravadas em dourado. Segurava isoladamente cada palavra - objeto que girava como uma pedralapida das obaluz. Hélice, vaso, grava, escrivaninha. Movias como sete assas mostraram ras reverberações dos reflexos de cada uma. Eu, surdo, comentei sobre as nossas distâncias. Não tenho amesma fé em palavras isoladas. Citei Raduan: as palavras só como as pessoas, ficam mais fortes quando estão juntas. Parami hélice e herálice, grava e grava, escrivaninha e escrivaninha. A palavra se acaba no limite das suas superfícies - um objeto opaco e solitário. Agora era stuque já não me ouviás, entretidas entre linhas das polifonias infinitas.



a g e n s e p a l a v r a s

Jailton Moreira



Palavras chaves de uma coleção (detalhes) - 2004 - Foto: Rogerio Ribeiro

Um dia

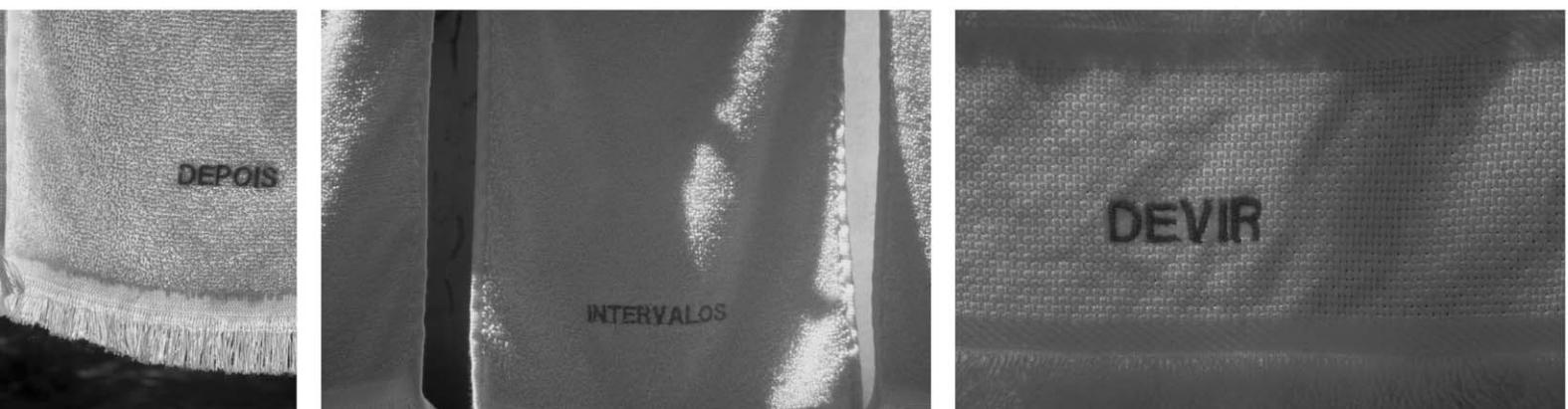
Será que um dia tudo será realmente passado? Ficar difícil imaginar quando se faz do presente um montão de tudo. Quando não se consegue descartar nada, nem uma meia, nem uma carta, nenhuma história.

Oito horas

Clavículário. Outro dia trouxe este estapa palavra: clavículário. Mais do que uma palavra-valise esta era uma palavra-vagão. Nela caberia metade das palavras do mundo e com elas mil imagens para cada uma. A chance de organizar cada compartimento gerava uma felicidade como a de quem já se vê completo pelas simples tarefas de poder arrumar os armários da casa. Enquanto arruma, tudo se torna presente ao se praticar com ilusão de uma resurreição coletiva. E, aomesmotempo, o esquecimento dos outros fluxos rasteiros da vida. Quando via trabalho pronto fiquei confuso. Ora parecia retratos, ora não eram mais caixas de chaves (palavras-chaves), mas sumidouros. Depois galáxias que não paravam de exercer sua ginástica sideral de contrações e expansões.

Ano-que-vem

Poderia marcar um encontro. Na esquina da Felipe Camarão com a Osvaldo Aranha num final de tarde de uma quinta-feira de um dia preciso, mas secreto. Andarás poucos metros, sem ansiedade, pois a disponibilidade será tão grande que não dará espaço para qualquer outra sensação. Chegará sumido entre os抗衡entes - afinal é pertoda tua casa e um pouco de espera é sempre produtivo. Sabes que na hora marcada ele irá aparecer: o encontro.



Temporal (detalhes) - 1998 - Foto: Vilma Sonaglio

palavra de ordem

Veronica Stigger



Fala Inacabada (detalhe) - 1996
Foto: Alessandro Asbun

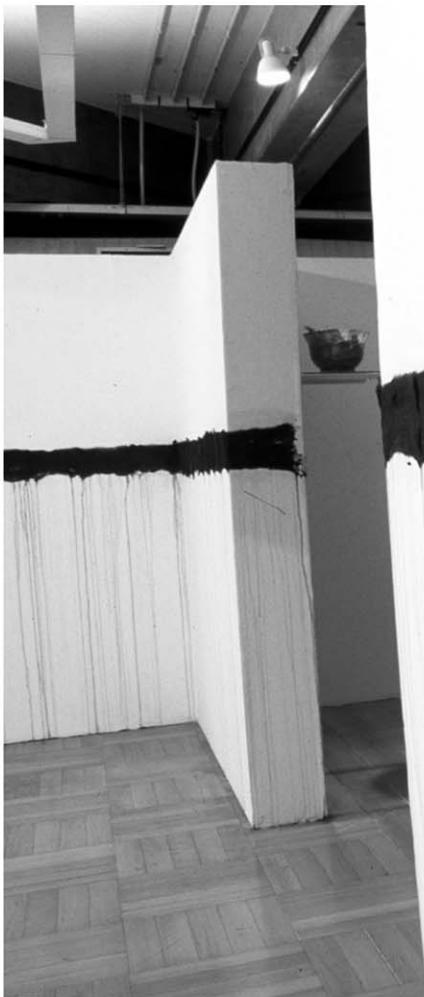
Suspeito que não haja obra de Elida Tessler que não tenha como esteio, de uma forma ou de outra, a linguagem verbal. Digo "suspeito" porque não conheço tudo que ela produziu, mas, do que sei, seja do que é pessoalmente em exposições, seja do que conheci a partir de catálogos, diria que a palavra, mesmo quando não se constitui como o centro ordenado do trabalho, está sempre por perto, rondando, espiando, controlando, como um deus abscondido, um logos onipresente mesmo quando invisível. Lembremos que os objetos quererem unir-se sob o título *Fala inacabada* pretendem ser, antes de tudo, com operações de autologia, falas. Falasmudas, talvez, falascansadas, extenuadas domundo, mas sempre falas. Vejamos um exemplo mais eloquente.

Doador, instalação apresentada pela primeira vez na II Bienal do Mercosul, organiza-se inteiramente em torno da palavradora. Se desmembrarmos a palavra-título da instalação em duas partes, o substantivo se transforma em verbo e objeto: doador. Foi justamente isso que fizeram 270 pessoas a convite da artista: doaram-lhe objetos cujos nomes terminassem com sufixo-dor. O resultado é o espaço em forma de corredor, nas paredes internas do qual são fixados liquidificadores, marcadores, computadores, coadores, vaporizadores e outros objetos-palavras que podem ser igualmente fracionados em verbos e objetos, sendo cada um desses verbos constituído como uma ação dirigida à dor, como se o conjunto deles funcionasse como uma forma de controlar/ou exorcizar a dor. Marca-se, computa-se, vaporiza-se, liquidifica-se a dor. Saber que não se trata de um corredor qualquer, mas de um corredor que tem as medidas exatas do corredor que ligava a porta do apartamento da artista à porta do apartamento do seu avô, ajuda a compreender que a dor é referindo: à dor e à perda. A operação dentro do corredor, o espectador tem a parte num a espécie de ritual de eliminação da dor, de um processo de luto.

Ordenação e vertigem, título da exposição coletiva em que Elida montou a instalação. Todos os nomes chaves, no cofre do Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo, fornece a chave (o trocadilho é inevitável) de leitura para o uso da palavra em sua obra: é instrumento de ordenação da vertigem. Como se os códigos visuais estendessem a ordem muito facilmente à vertigem do real, incorporando-a sem mais à obra. A linguagem verbal serve a Elida, pois, como um princípio ordenador, que, senão anula a vertigem (pois esta não é a sua intenção), submete-a, porém, à reflexão. E, a poucos, somos levados a perceber tanto a vertigem que subjazem a tentativa de ordenação: o quanto de vertiginoso há em nossas falas – sobretudo as inacabadas.



Mas perto não se fica a quem não se conhece as mãos - 2004



Fundo de rumor mais macio que o silêncio. 2003-2004
Foto: Alessandro Asbun



cesar bond

Respira, espiral

Calcanharna areia, rodopio en quanto espiominhafílha brinca no mar. Brincodegude: as bolsas boas não voltam. Cude galinha não vale. Respira, espiral. Fico sabendo que, no dia 9 de agosto de 1983, o astrofísico Fred Gillet só pretendia calibrar os instrumentos de bordo quando viu Vega, uma estrela duas vezes maior que o Sol. Emplena juventude: umbilhão de anos de existência. "Será uma nova Terra em 3,5 bilhões de anos", no tranquilo Fred Gillet. Pena que a foto tenha ficado tão ruim no jornal. Vega não aparece um ralo de banheira, umbúrico na terra ou, reparando bem, o umbigo cheio de areia da minhafilha. Alegria, espiral.

Cronologia de uma dívida

Nasce em 1956. Cai do berço uma, duas, dez vezes cem. Aos seis anos é abraçado por um tio tido como louco: foi o primeiro carinho que recebeu na vida. Aos dez, já assobia à luz do dia. Aos dezessete, ama pela primeiravez, e para estamulher doa as córneas. Aos vinte e três estranha o próprio sexo, se recusa a pagar a conta de um amigo e tenta esquecer para sempre o profundo afeto dado por aquele tio tido como louco. Em 1978, foge para a cidade de Antonina, onde pela primeira vez vê uma réplica do quadro "Judite Cortando a Cabeça de Holofernes", de Caravaggio, nascido em 1571. Caravaggio perdeu de amores, dezenove anos, e por ter perdido a mãe, compra um menino. Aos vinte e seis anos, se recusa a aceitar que perdeu uma aposta, briga e acabam matando Ranuccio Tommasoni, seu maior amante e um maior adversário. Foge para Nápoles. Em 1978, na cidade de Antonina, depois de ver pela primeira vez a réplica de "Judite Cortando a Cabeça de Holofernes", de Caravaggio, amaniguém e parou ninguém dos todos os seus órgãos. Aos quarenta e seis, distraidamente assobiando e complen aluz dodia, é assassinado por engano por um estranho, aquem doa a vida. E se vê livre de qualquer dívida e de toda a cronologia.

O pêssego

Lá pelos dois anos descobri ocepele da palma da mão de minhamãe. Era um fim de tarde de pesca. Deitado na grama ao lado de minhamãe, eu ainda chorava mesmo depois de aleitado. Foi quando minhaboca sugou um pedaço de pêssego. Lambium sucado e ácido. Depois senti nas gengivas uma pele tenra: minha primeira fruta. O sol era um pêssego quente. Do quente pêssego escorreia um tarde um lágrima na boca daquele menino que fui. Um asó, grossa e doce. Entre gorgulhos de água de ria, senti que tudo o que passava existiu para mim. A água doce parasse sempre a água doce e a calma. Quando minhamãe saía de casa, eu me embrulhava com raias em cobertas, cortinas, pedaços de panos - o que estivesse mais próximo e o que mais medisse parecia com um pacote esquecido. Tentava correr até a varanda sempre prelustrada com cerca avermelhada, chegar a muro, a opulo, e depois a opóu à lama ou a barro; tentava passar por cima da carroça, acharro ou cavalo ou vizinho ou outras sombras qualquer que viesse impedir que meu passo continuasse. Enquanto imaginava a fuga, meio que já antevia que seria agarrado se lá se pelas pernas, ombros ou pESCOÇO, e ou travez levado agora já a corado-como que com insuportável cólica - para dentro da casa e para os colos de desesperadas tias, que com suas tetes sempre aprisionadas em casas com mil botões faziam o impossível para recolocar minhas lágrimas de onde não deviam ter saído. E na ânsia de descolar minhafissura, mede sem brulhar mandos pedaços de panos que passeavam seu polegar e seu dedo scílio assustados dos meus olhos verdes, agora a vermelhos pelas insuportáveis perda temporária de minhamãe: uma dedicada professora primária da pequena cidade de Irati, no interior do Paraná.

pequim

franklin alves

1.

E frente ao mar divino
içamos vela
E desembarcamos
da mesma forma
que embarcamos –
no mesmo corpo
Check-in



2.

A máquina no hotel
mas os olhos
aqui
a tirar
polaróides
Uma lagarta feita de frag-
mentos de luz
desaparece em cada esquina
aparece outra vez
noutra esquina
múltipla como as várias escamas dum
peixe
– fragmentos
lapsos e

3.

sóis a iluminar
peixes
Ruminar frases
feitas,
fragmentos
de luz,
neon
Um dragão chinês
numa pastelaria
chinesa
Um gesto aponta a saída
Peixes entram

4.

A paisagem deserti-
ficada chapada num
outdoor da
gap
Novos profetas
professam
a nova fé
Sem vontade a paisagem
descansa

5.

Há bastante sol – sóis
demais – não precisamos
de flash
Ruminamos as paisagens
as imagens
Um dragão chinês,
sangue
Gesticula apontando a saída
Peixes entram
outra vez



7.

(o acenocegodo olho | o brilho surdo do neon azul)



Um olho rouba
outdoors campanhas
publicitárias
Nenhum provérbio
Nenhuma vontade
+ outdoors
Nenhuma metáfora nas
fotos p&b

8.

Sabedoria: mercadorias
e outdoors
Metáforas:
capas de revistas
descontos
a próxima esquina
Nada além do novo
paraíso-céu

9.

E frente às ruas içamos
cartões
Somos únicos
diante deste
novo deus
Múltiplos como as
escamas deste
peixe
Digital o som
a foto a paisagem
a batida do coração
safenado

10.

Um panorama
de estrelas
artificiais & maquiadas
Agora
chapadas
policromias
O brilho nublado as coisas
A entrada do
labirinto
em neon
azul





micheliny verunschk

O Labirinto de Creta

As cidades são feitas de palavras
Como os homens.

Os homens são nomes inventados
Pela máquina que arquiteta
Palavras.

Palavras são galáxias
De letras
Significados
Cometas
Planetas
Satélites
Que orbitam
E habitam a grande máquina.

A máquina é uma palavra
Nem mais bela
Nem mais triste
Mas diferente de útero.

A máquina é uma palavra
Igual a qualquer outra
Como útero.

Toda palavra
Pode dizer qualquer coisa
Como um nome e seu homem
São a mesma coisa,
Um amontoado de letras.

As cidades são feitas de homens
Como as palavras.

Tudo são letras
Como a palavra e sua máquina
Como a máquina e sua cidade
Como a cidade e o homem
Que habita um nome.

Amor

Uivo
Uma dor perdida
E latejo
Num vasto espaço
Que a cartografia da noite
Diz ser a região dos silêncios.

Uivo.

Neblina.

Viagem

O carro risca a estrada.
Em cada margem,
Cataventos silenciam.

O carro desafia o vermelho
Que desafia o azul
Que desafia a noite da noite.

Acende as aspas em brasa
E gira ao redor dos gumes.

Parte o touril
E perde-se no meio do rebanho.

No vazio,
Uma rosa imita a lua.



valêncio xavier	Age	Beijo
valêncio xavier	Abecedário	bastante
valêncio xavier	Amor	bunda
valêncio xavier	Afrodisíaco	bosta
valêncio xavier	Amargo	bostagem
valêncio xavier	Água	bonita
valêncio xavier	Aguada	batucada
valêncio xavier	Anjo	bate
valêncio xavier	Angélico	bunda
valêncio xavier	Afrodita	bato
valêncio xavier	Afoita	bola
valêncio xavier	Afro	banco
valêncio xavier	Ameríndio	bacana
valêncio xavier	Americanizado	bossudo
valêncio xavier	Avicultr	bonomia
valêncio xavier	Ave	bebo
valêncio xavier	Aviadora	bebida
valêncio xavier	Aventureira	braba
valêncio xavier	Aventura	bicarbonato
valêncio xavier	Às avessas	burra
valêncio xavier	Aviador	besta
valêncio xavier	Aviadado	bruxa
valêncio xavier	Aviajado	buena
valêncio xavier	Amiga	bocanhei
valêncio xavier	Angustiada	bicha
valêncio xavier	Ator	boa
valêncio xavier	Aventureiro	boneca
valêncio xavier	Amulherado	bailarina
valêncio xavier	Adeus	bebena
valêncio xavier		beiçuda
valêncio xavier		beijoqueira
valêncio xavier		bobei
valêncio xavier		bobeira
valêncio xavier		bebê
valêncio xavier		borrando
valêncio xavier		berço
valêncio xavier		borriceiro
valêncio xavier		borrifar
valêncio xavier		bostalha
valêncio xavier		Brasil
valêncio xavier		brasileiro
valêncio xavier		bargado
valêncio xavier		bonifrate
valêncio xavier		bramadeiro
valêncio xavier		braguilha
valêncio xavier		bai
valêncio xavier		bai
valêncio xavier		boy

cruz
credo
comi
cadáver
cachorro
cão
cabeludo
cambaleando
caiu
cantor
cantou
cantora
cantou
canção
caipira
comi
cavaco
cozido
coei
café
costurei
camisa
chupei
chupeta
cavouquei
cova
costurei
calça
calcei
chinelo
cavalo
custou
caro
carro
correu
corrida
carioca
casou
com
curitibano
carnaval
com
chuva
calça
curta
cortada
confim

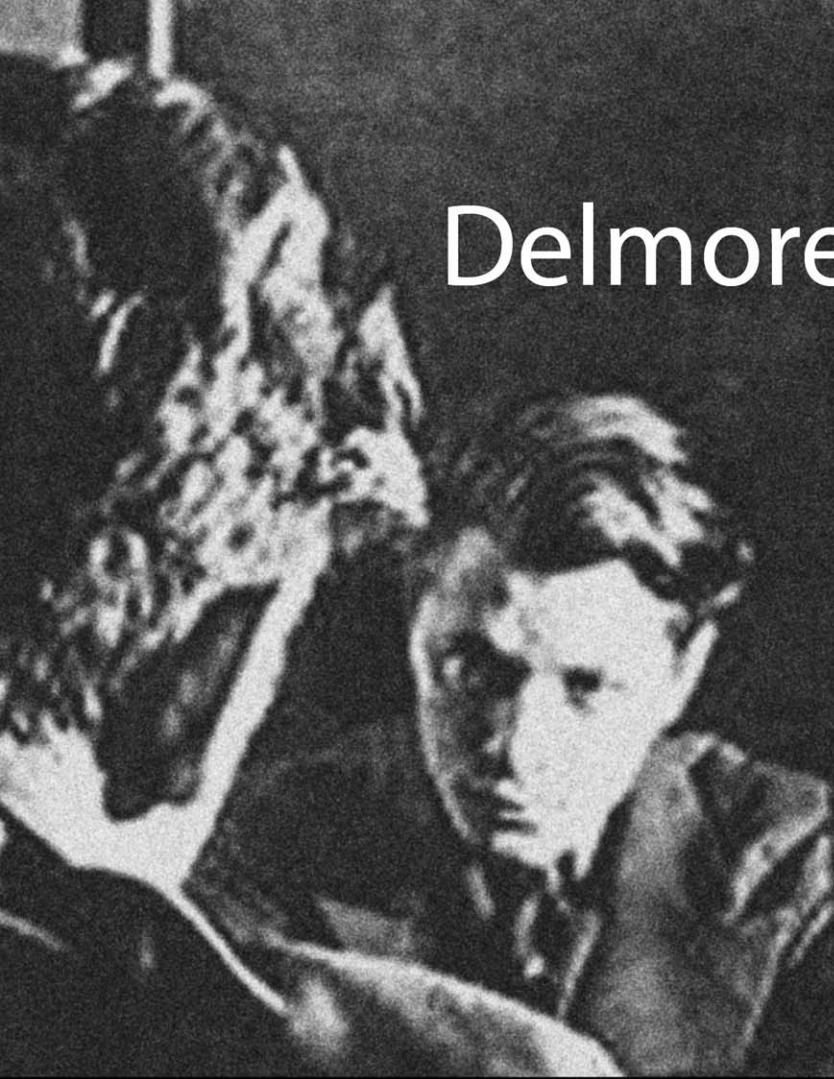
demônio
demo
deu
danos
danados
devo
dinheiro
dobrado
devido
documento
desajeitado
durmo
descalço
despido
doidice
dorso
distorcido
dente
doído
drogado
doidão
derramou
drogas
dois
doentios
doentes
desenganados
desenhista
descuidado
disponível
danos
decorridos
devo
dívidas
discurso
desatinado
doutor
desastrado
doce
desgostoso
delegado
detetive
deficiente
duende
descabeçado
drama
destino
dramático
dragão
dengoso
dedo
duro

erros	faca
errados	feminina
ersatz	fiel
erotomania	fugitivo
esquisitice	fornicador
ermida	fiasco
erótica	força
eva	forca
espera	feitiçaria
exemplo	fusca
elefantóide	fenda
edícula	fraco
edição	fornicação
efeito	finados
esfinge	flecha
esfolia-vaca	flor
esfarrapado	fêmea
enganado	feia
Estela	frisa
estrepada	feijão
Ernesto	fome
estrada	futebol
enganada	farda
exorbitante	fuzilado
enredo	fricote
estribilho	feijoada
errante	forno
esteira	fruir
estúpido	futurismo
estressor	forquilha
estribo	fronteira
estilo	fricassê
estado	futricado
esperança	fricote
exame	forno
espírito	festival
escrivaninha	festivo
evitando	fruta
entretenimento	flozô
espaço	fusão
espirro	ferramenta
encantada	fechada
escova	feitiçaria
elétrica	fumo
entrevistado	fumaceira
elenco	foi
exorbitância	fim
Edmundo	
estrilou	

grande
guerra
genocídio
gueto
gato
garota
gostosa
grávida
gonorréia
gincana
gravata
greve
garfo
garrafa
gelada
galã
gabola
gramática
girafa
gêmeo
guerreiro
gigante
guerrilha
granada
guru
grilo
grito
gaita
grana
gênio
gloriabundo
gengibre
gongá
garganta
gorduchão
golpe
grafologia
guarani
guimba
grupo
gozação
graal
gafieira
gutural
gogó
guedelha
grega
graciosa
gata
good-bye

herói
hesitante
heróico
hélion
homologação
humor
horripilante
haicai
heterodoxo
hipnose
homenzarrão
humilde
hipnotismo
horóscopo
hebreu
humilhante
homem
honesto
habanera
hino
holandês
hiperativo
hotel
hospitaleiro
hangar
homossexual
horroroso
hiena
habitação
hóstia
hieróglifo
herdeiro
hidroplano
hídrico
horrendo
hierarquia
hosana
hiato
halo
hipérbole
hesitação
hemóstase
hominho
hálito
hortelã
hasta

(c)bra



Delmore Schwartz

Tradução Virna Teixeira

O URSO PESADO QUE ANDA COMIGO

O urso pesado que anda comigo,
Um mel variegado para lambuzar a sua face,
Desajeitado e arrastando-se aqui e ali,
A tonelada central de toda parte,
O faminto espancador e bruto
Apaixonado por doce, raiva e sono,
Faz-tudo louco, desordenando tudo,
Sobe o edifício, chuta a bola de futebol,
Luta com seu irmão na cidade odienta.

Respirando ao meu lado, aquele animal pesado,
Aquele urso pesado que dorme comigo,
Uiva no seu sono por um mundo de açúcar,
Uma doçura íntima como um abraço de água,
Uiva no seu sono porque a corda-bamba
Treme e mostra a escuridão por baixo.

O exibido vaidoso está apavorado,
Vestido no seu smoking, a salientar suas cuecas,
Estremece de pensar que sua carne trêmula
Deve finalmente retrair para o nada.

Aquele animal inescapável caminha comigo,
Me seguiu desde o negro útero contido,
Mexe-se onde eu mexo, distorcendo meu gesto,
Uma caricatura, uma sombra inchada,
Um palhaço imbecil do motivo do espírito,
Confunde e afronta sua própria escuridão,
A vida secreta da barriga e osso,
Opaco, tão próximo, meu íntimo, embora desconhecido,
Estica-se para abraçar a muito querida
Com quem eu andaria sem ele por perto,
Toca ela rudemente, embora uma palavra
Exporia meu coração e me esclareceria,
Tropeça, atrapalha, e esforça-se para ser nutrido
Arrastando-me com ele no seu segredar cuidadoso,
Entre os cem milhões do seu tipo,
O tumulto do apetite em toda parte.

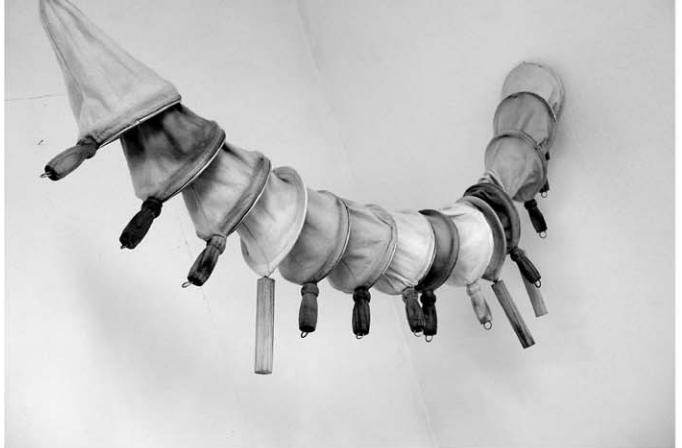
THE HEAVY BEAR WHO GOES WITH ME

_ "the witness of the body" _ --WHITEHEAD // The heavy bear who goes with me,/ A manifold honey to smear his face,/ Clumsy and lumbering here and there,/ The central ton of every place,/ The hungry beating brutish one/ In love with candy, anger, and sleep,/ Crazy factotum, dishevelling all,/ Climbs the building, kicks the football,/ Boxes his brother in the hate-ridden city.// Breathing at my side, that heavy animal,/ That heavy bear who sleeps with me, / Howls in his sleep for a world of sugar,/ A sweetness intimate as the water's clasp,/ Howls in his sleep because the tight-rope/ Trembles and shows the darkness beneath.//--The strutting show-off is terrified,/ Dressed in his dress-suit, bulging his pants,/ Trembles to think that his quivering meat / Must finally wince to nothing at all.// That inescapable animal walks with me, / Has followed me since the black womb held, / Moves where I move, distorting my gesture, / A caricature, a swollen shadow,/ A stupid clown of the spirit's motive,/ Perplexes and affronts with his own darkness,/ The secret life of belly and bone,/ Opaque, too near, my private, yet unknown, / Stretches to embrace the very dear / With whom I would walk without him near,/ Touches her grossly, although a word/Would bare my heart and make me clear,/ Stumbles, flounders, and strives to be fed/Dragging me with him in his mouthing care,/ Amid the hundred million of his kind, / The scrimmage of appetite everywhere.

mainêsolivetti

passa um





REGU

- de novo

- do dialeto dos

michel melamed

RG

bebês, 'guqu dadá'

IT

– identidade

– charme

Regurgitar: expelir, fazer sair (o que em uma cavidade está em excesso, principalmente do estômago).

Fagia: comer.

Oswald de Andrade, no Manifesto Antropofágico de 1928, aludia à deglutição do Bispo Sardinha pelos índios antropófagos, para propor que, inspirados nele, deglutíssemos as vanguardas europeias a fim de criarmos uma arte genuinamente brasileira.

E hoje? Continuamos a deglutição das vanguardas? Ou temos sido empurradas goela abaixo por toda a sorte de informações? Conceitos? Produtos?

Em suma, o que fazer com a impossibilidade de assimilação, o estado de aceleração, a síndrome do excesso de informação (dataholics), os milhões de estímulos visuais, auditivos, diários, que crescem em ritmo diametralmente oposto à reflexão?

"extra! extra! a mídia acabou!"

...oxímoros pleonásticos, caosmos, eletroconvulsoterapia... o Pavlov usava de artifícios químicos para estimular o vômito a fim de causar um reflexo condicionado. o ser humano usa no máximo 10% da sua cérebro, enxerga 1% das luzes e ouve sons até 20.000 ciclos por segundo...

Porque – diferentemente dos ávidos antropófagos
– já deglutimos coisas demais.



O

– interjeição para espanto: 'oh...'

F A

– nota musical

não se é final, g, nevrágico, de encontro, de macumba, facultativo, decrochê, de ônibus, pacífico, de equilíbrio, aquele cara que soprava o texto prosatôr, de exclamação, interrogação, ebúlico, morto, zero, picada produzida com a agulha que se enfiou tecido, couro, plástico, etc., para passar o fio de costura, bordado, etc., porção de linha ou de lafeita soturna ou no crochê; designação comum a os diversos tipos de nôs ou laças das feitas com agulha ou sem elas, macramé, etc., cerzida em meia ou em tecido, pequenos nôs ou melhantes ao que aponta de um lápis imprimê no papel, sinal idêntico usado em abreviaturas [ponto abreviativo] e sobre o ie o j, mancha zinha arredondada, lugar fixo e determinado, ponto de parada, livro, cartão, folha, onde se registra a entrada da saída diária do trabalho, cada um dos espaços em que está dividida a craviera das sapateiro ou da louveiro, grau pelo qual se mede alguma valorização ou diminuição, grande consistência que se dá ao açúcar em calda, cada um dos pontos ou pintas marcadas nos dados, peças de dominó, etc., e que lhes indicam valor, unidade de valor relativa a cartas de baralho ou a outros elementos de certos jogos, cada uma das unidades que, numa competição, se obtêm como vantagem sobre o adversário, cada uma das unidades de um número variável que se convencionou marcar como objetivo em certos jogos de azar, como, p. ex., aloto, obingo, a loteria esportiva, cada uma das unidades marcadas pelo jogador, segundo normas fixadas para atingir um total preestabelecido, sem o qual não é possível vencer, em certos jogos de azar, como bacará, o grupo de pessoas que jogam contra a banca, ou a carta tirada contra esta, sinal que se dá para marcar o tempo, unidade que nas bolsas de valores exprime a variação dos índices, grau de merecimento (em língua, exame, comportamento, etc.), parte de um assunto, de um ciênciâ, arte, etc., em exames ou concursos, a matéria tirada à sorte para responder ou discorrer a um ou a um candidato, assunto, matéria, grau de adiantamento, altura em que se acha alguma trabalho, empreendimento, etc., lance; momento, caso, problema ou questão importante, em que se tem vivo empenho, termo, fim, parada, suspensão, porção de fio firmado por um nó, deixada num a estrutura ou num órgão depois de ser feita a introdução e retirada da agulha que conduzia, afim de promover a união dos tecidos [pode ser ou não removido, conforme a natureza ou a situação do material empregado.], configuração geométrica sem dimensão, que se caracteriza por sua posição; ponto geométrico, elemento com que se define axiomáticamente as propriedades de um espaço, cada um dos modos porque se entretece um fio ou uma malha para ser enrolada ou ou tretada utilizando a agulha de coser, a célula primária de notação numérica, régua de madeira escura, que acompanha a forma e o comprimento do braço dos instrumentos de cordas, e sobre a qual os dedos do executante comprimentam as cordas, a posição, na cartografia, de uma embarcação que está navegando, pequena mancha de cor. [cf. pontilhismo.], unidade tipométrica básica (a sexta parte de uma linha) equivalente a 0,3759 mm no sistema didotéa 0,351 mm no sistema anglo-norte-americano, recurso utilizado para passar a rota, apresentador, locutor, etc. – durante a apresentação de espetáculo ou de programa de tv – deixa, orientação, texto descript, etc., lugar, geralmente nas vias públicas, onde artigos ou serviços estão à disposição do freguês, cantado, riscado, aberto, abreviativo, ponto alto, americano, anfídromo, anglo-norte-americano, anguloso, cardeal, cego, central, cheio, colateral, crítico, culminante, cuspidal, de acumulação, deadmiração, de floramento, de apoio, de areia, de amento, de auto-ignição, debainha, debala, debolha, decadeia, decanutilho, decedência, decondensação, decondição, decongelação, decontato, decristalização, desolidificação, decruz, dedescontinuidade, dediminuição...

GIA

– ponto g, prazer

–verbo ir no pretérito e imperfeito do indicativo

p/ Luciana

no nosso último jantar
sentamos à mesa e comemos em silêncio (o próprio)
bebemos vinho e não brindamos
só se brinda quando existem planos
naquela noite, naquela mesa
nosso último jantar era a única certeza
alguém que porventura bisbilhotasse nossa janela
veria talheres e copos flutuando sobre as veias
no nosso último jantar
sentamos à mesa e comemos transparentes
alguém que por ventura bisbilhotasse nossa janela
veria a comida sendo digerida dentro da gente
no nosso último jantar
sentamos à mesa e carcomemo-nos
alguém que por ventura bisbilhotasse nossa janela
nos veria por muito pouco tempo

quando neva no Rio

diria que estou prenhe de palavras
veja, por exemplo, este 'dirimir' que salta de minha boca
dirimir para mim soa como dimitri
dirimir é o filho russo que não tenho
vá dirimir! vá brincar com as outras crianças!
vá dirimir! logo você será um homem e terá a sua própria família!
vá dirimir... pois seu velho pai está prenhe...
veja, por exemplo, esse 'vá' que salta de minha boca
vá dirimir!



Fragmentos retirados do livro *Regurgitofagia*. As fotos são do espetáculo homônimo, composto pelos textos do livro e interface denominada 'Pau-de-arara', em que todas as reações sonoras da platéia (risos, vais, aplausos, tosses, etc.) são captadas por microfones e transformadas em descargas elétricas no corpo do a(u)tor.

Fotos: Débora 70



Carta de um vencido

Curitiba, 7 de fevereiro de 2002

Confiar? You got bekidding! Não há como confiar. Não há ninguém quem confiar. Sim, sempre que precisar. Sempre. Sempre. Sempre. Constatação-hoje: elalá, eucá. Precisei nodia. Precisei depois, preciso muito aí da hoje. Vejamos o seu lado: não quer mais porque se cansa. O tempo nos pesa. Ficou-se o tempo para trás. Suporte. Não consigo entender o que teria acontecido naquela semana. Foi amais estranha, foi a mais medonha, fria. Foi como separar um quebra-cabeça de cincemil peças. Sabe aqueles que demoramos dois, três anos para montar, depois colocamos em uma moldura para perpetuar? Pois então, o que me aconteceu foi desmoronamento desse quadro. Já que a perpetuação estava a caminho, mas, como todo caminho tem a poesia, encontrei um pedra no meio que derubou. Foi-se. Era-se. Precisa-se ainda, muito. Ficar com o senado a tiveresse acontecido. Era essa a meta, mas, ao contrário disso, fica-se como se não tivesse acontecer. Como se apenas o monóxido de carbono pudesse dar fima a esse desespero. As células estão com vontade de respirar, trocar o ar. O carbono o impede. É de grande ajuda esse carbono. Somos todos filhos do carbono, da utilância, do amônia. De Augusto. Tem-se um vencido e toda sua psicologia. O que preciso agora é não vir. Não entrar em minha casa. Venho e tenho a metafísica. Abro a portada sala, sinto o cheiro de desinfetante do banheiro, portada a casa, misturado com o chei-

carlos machado

rodenaftalina(quetenhoemminhasgavetas) e dafumaçadocharutodanoiteanterior. Embriaga-me esse odor nocivo. Faz-me querer sentar e pensar em voltar para a tabacaria, em querer realmente o monóxido, o fim da luta. Cansa-me ter sempre as mesmas citações, sempre os mesmos desenhos, todas as mesmas necessidades emaldade. Sempre a bondade. Volto ao Chico, volto à Ana, volto ao Manoel, à poesia, à canção, ao fundo do poço. Busco as palavras errantes: as mesmas. Fico nôsso, pensando em não fazer nada. Emapenas querer fugir dessa casa, dessas vontades, dessa metafísica, das aspirações, dos complexos: Que merda! Não posso mais com essas idéias... Basta-me. Não posso mais confiar, marcar, ter algo, ser algo. Perde-se, para sempre, o pouco de algo feito. Tinha combinado comigo. Estava tudo certo para hoje à tarde, mas não, tem que arrumar as coisas. Então, não vou poder ir hoje. Abaixo a cabeça, esconde a decepção de te ver sendo apenas uma mulher. Linda. Engulo almoço (frente a frente) e venho. Foi-se mais uma, a única depois de tudo. Artes. Mostre meu último disco aos colegas professores. Não falam. Creio que deve ser rebelde sem causa. Com os filhos comele? Drogas. Bebidas. Sem dúvida. Olha o cabelo dele. Viu as roupas? Pensam. Ouentão pensam:... Algô será provável. Mas qual? Não consigo te imaginar todo diferente. Música pesada? Bem, creio que é aí que entra o bom senso. Sou as partes, você sabe. Sou as várias partes desse todo, já quebrado, e buscando o carbono. Não me venha com essa de que eu não me imagino. Ima-

ginasim. Todo sôsabem isso: imaginar, achar sobre os outros. Alguém já olhou o espelho do banheiro nessamanhã? Encontrou algo que não causasse repugnância? Convertez adeveseral-guém quem mostra repugnância quando se vê no espelho. Medo. Como entâomevem com essa de que sou estranho para Curitiba? Para sua vida. Evocê, menina, você é mesma, aquela que foi, como está sendo aí, no seu quarto, na sua consciência? Consegui dormir só segurando quando coloca a cabeça no travesseiro, sabendo o que me faz? Consegue comer sempre preocupado como que devo estar passando por você? Ah, sim, tem a maldade de ser mulher. (Ou devo dizer a inocência?) De me deixar a trapos. E por falar em trapo, onde ando o Cristovão? Esse me faz falta por ser poesia errante, perdida demim. Cansa-me escrever, pensar. Massômais sumacoisa: sabe que escolha tive muitas, fiz a errada. Bem, devo dizer que muitas coisas ainda estão por aí, contar, muitos desejos ainda querem sair pela janela, porta, esvoaça pelo lavabo (acidade é um vâo... possocair nele facilmente), mas muitas moléculas domônio entraram em mim quando estou aqui. Fiz o que pude. Prendo-me nessa tela de computador, nesse papel. Fico deitado em minha cama, como charuto que imando a lada do incenso de camomila, e ele, por suavez, confunde-se como alvejante. Sobe-me à boca uma ânsia. Anjo pelo quarto. Vejo você se afastando cada vez mais: caminha pela fumaça baforada para cima, na direção oposta à mão que cai, ficando solta entre o carpete e o colchão.

BULA BULIÇOSA

[ímãs de imantações ambulantes]

Alberto Puppi

Que de espaço imantado que nem os de Lygia tem a série **NÃO PARE SOBRE OS OLHOS**, que de delícias Eliane Prolik nos deicia por entre o jardim cotidiano das cidades e da cidadania.

Sim. Não se engana e não engana quem não pensa que não há saídas. Há nuas, viadutos, avenidas. Mãos úmidas. Luas sem saias? Oemas. Tanto na Régis quanto no Régis. Ou Registro.



eliane prolík

Mas uma coisa é uma coisa.
Outra coisa, outra coisa. Espaços imantados são uma. Imantações ambulantes, outra.

Imantações ambulantes não são meros espaços-placas implantados aqui e ali na malha viária. Vão dalismo deliquescente de camelô em pregão visual. Não. Nem mesmo a sua descoberta afortunada e consequente capitalização fotográfica. Não mesmo.



Os trabalhos da série NÃO PAPE SOBRE OS TRILHOS estão mais para isto que aquilo. Cada um dos, por assim dizer, imãs de imantações ambulantes da Eliane parece emanar um não sei o quê de bula buliçosa que nos convida a bulir com a abolição da salgada escrivatura das coisas – que nos convida a bulir com a ebullição dos signos, com a bolinação expressiva da sua dimensão interpretante: bolinar



menos a representação do que a significação, menos a construção da imagem cativa do que a da imaginação ambulante.

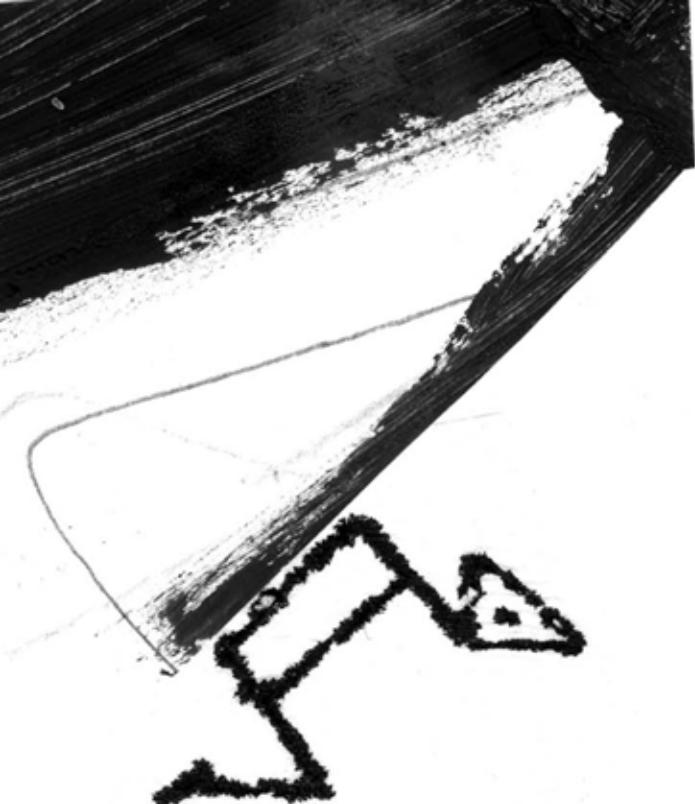
NÃO PARE SOBRE OS OLHOS, Nua sem saída, ATENÇÃO Mão Úmida, PAPE, um e todos parecem ecoar a fala da esfinge no belo e enigmático verso de Ralph Waldo Emerson:

"Of thine eye I am eyebeam."

— Não pare sobre os olhos, meu bem.



Fotos: Marcelo de Almeida



fabrício marques

GUIGNARD EM FLORENÇA

Guignard em Florença:
Ígnea desavença
Diante da luz que entra,
luminosidade Ouro Preto,
E da que sai de seus olhos,
luz renascença

Ele é o passante
que redistribui as cores
e organiza o espaço
para que as luzes
se amoldem na tarde imensa

Uma esplende
entre montanhas,
equilíbrio em errância;

outra é presença
certa nos monumentos,
flora e flava, fluorescência

Ele é o passante
cujo olhar obsidente
agranda ou subestima
penhas e palácios
galerias e catedrais

até que, exausto,
finda a experiência
e despede as luzes

ausênci
que a sombra
não compensa

AUTO-RETRATO EMBAÇADO

Vinte anos tenho
e as feridas
expostas em desenho

Em carne viva
a vida me chama:
quando escuto, venho

Entre objetos que me acolhem

E tudo aquilo que no dia
escapa aos olhos
em sonho retenho

Neste engenho
a minha força
empenho,

como o moribundo que se recusa a partir

PASSAR A PÁSSARO

Passar a pássaro,
de ave a ave,
com avidez
de passos rápidos,

propício a aventuras
em vias
ao avesso

longilíneas,
de longe em longe,
aeroviárias

pássaro
prestes a cantar
em clave de sol

em prestações suaves
de velocidades
várias

vai além
vai ao léu
vai veloz

Pássaro que muda de ar
como quem muda de parágrafo

arranha o céu

velocidade que incendeia,
quero este pássaro na veia

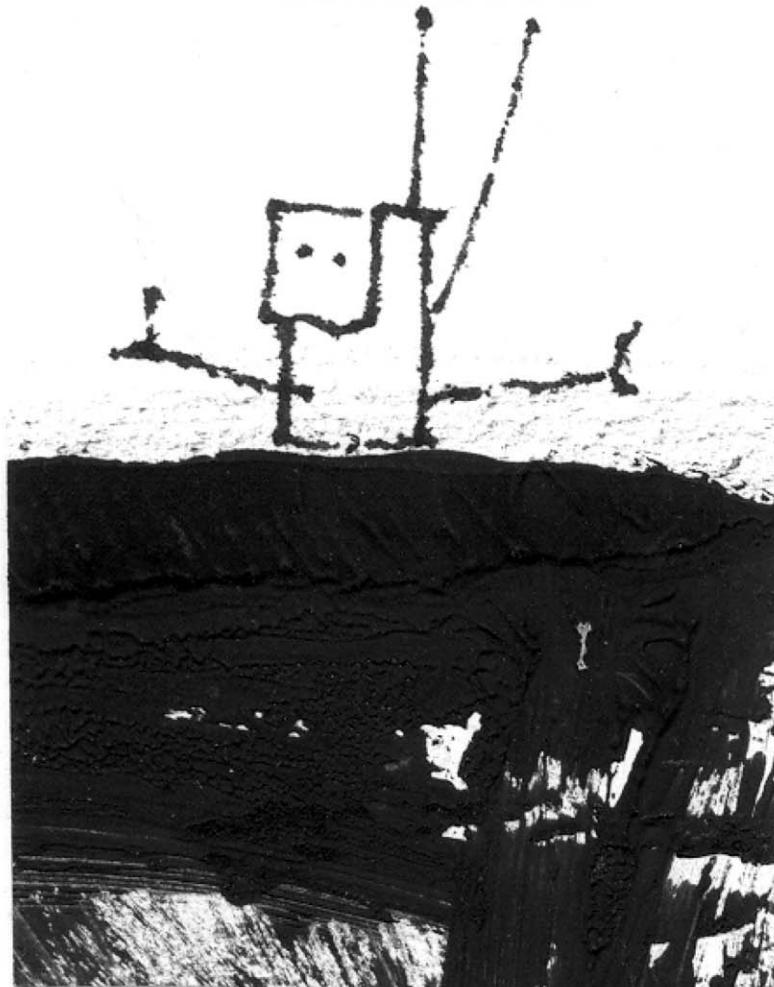
ADMIRÁVEL PÁLPEBRA DO DIA

Admirável pálpebra do dia
estranha ao poeta que,
insone, esgueira-se sob
a fina chuva de melancolia

a perseguir palavras
como se pérolas
incrustadas na pele,
no mármore, na pupila

e nem percebe a estatuardia
disposta na praça
de cuja proa partem
imagens vazias

de modernidades tardias



FAÇA VOCÊ MESMO A SUA CAPELA SISTINA

Me concentro

Não há centro

Só margens
do centro
a céu aberto

Dentro
o movimento da urbe
alígero

súbito breu
periferia
à espreita

Luz que se move
periferida
perniaberta

Entre brechas

Me concentro

Desde o centro
secreto
em surdina

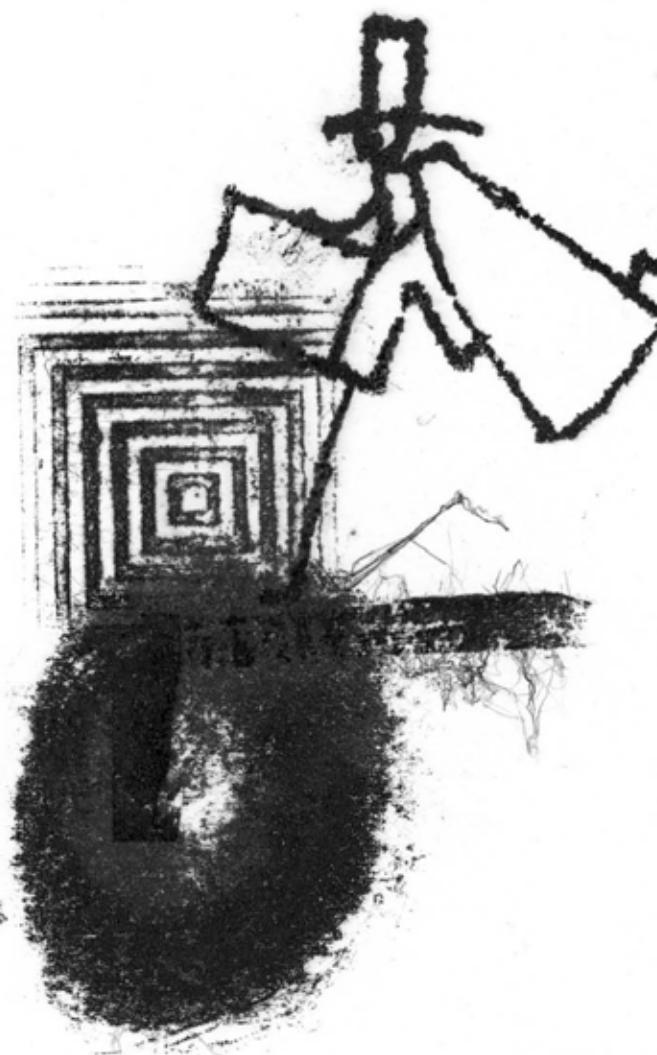
Que súbito
se abre

(sob o céu
da luz
uma outra luz
se insinua)

À margem
do mundo

Não
há
centro

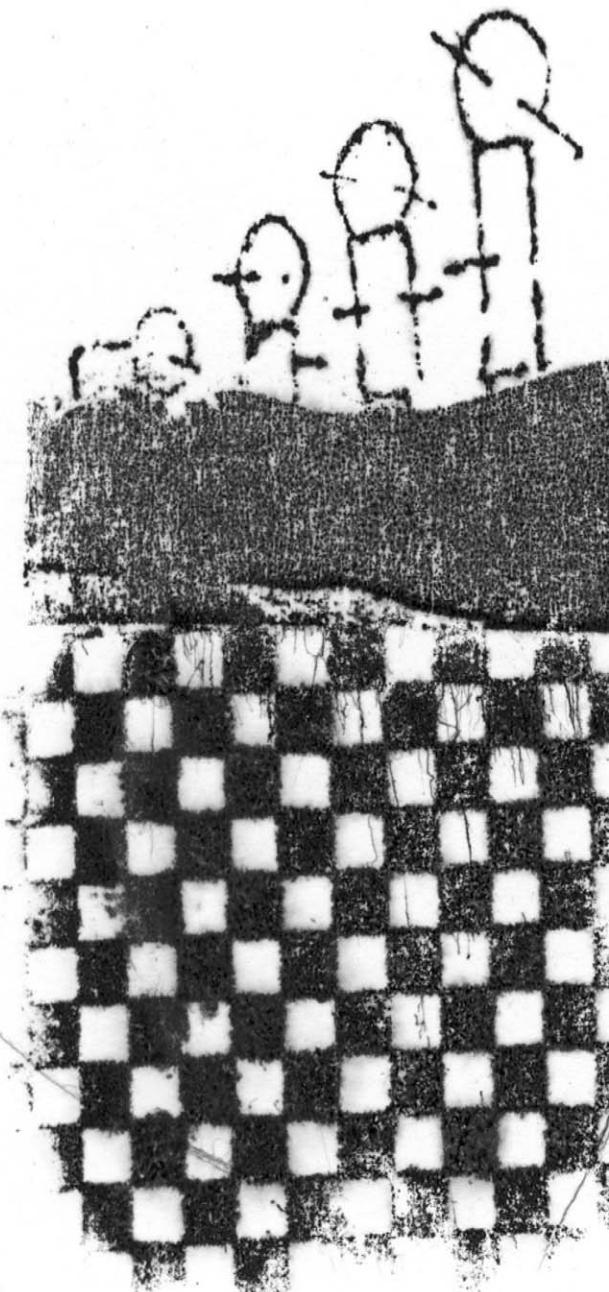
Estou
no páreo



ACHEI O NINHO

Achei o ninho de um monstro
A Esperança.
Nem bem acordei-o

Saíram em debandada
Seus filhotes, seus filhotes
Até onde olhar não alcança



NOTA: "FaçavocêmesmoasuaCapelaSistina" – Nomedasériedepinturasepoemas
do artista plástico Pedro Moraleida (1977-1999)

Ilustrações: Cintia Vietto

o r o b á r i o

C O N T O R C I V E L

...achou lindo quando viu no livro do irmão mais velho a figura da cobra que engolia o prior abo, apaixonou-se perdidamente por ele. Resolveu que seria um torcionista. As aulas no circo foram complicadíssimas, dificílimas... Como passados anos amaciou os tendões, acalmou os músculos, abrandou a pele e conseguiu colocar os pés na boca. Frustração: sôes, asfalto, areia, cimento simplesmente obedeciam ao próprio cérebro e consupíam, mais dedicação, hereditário, paixão... Docaralhos, ai um time de futebol, um exército, uma procissão. Quantos filhos sumiram fazendo um mês? Achou lindo quando viu na revista da irmã mais nova a figura da mulher com cobras no lugar dos cabelos, apaixonou-se perdidamente...



...dospés não saíram processado, sem semente, nada! Os pés a o cérebro. Como absorver maru a paixão? Mais temeridade. Chegou grande

wagner mangueira

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

ALBERTO PUPPI (1957, Curitiba – PR) é poeta, autor de *Antílira* (folhetim poético), *OLHAFOOLHA*, Os primeiros dias de paupéria, Ria hum chorofeliz Demão amão (edições independentes), designer, professor da UFPRe semiótica de carteirinha - pesquisas em linguagens das artes visuais, dodesign e da poesia.

CARLOS MACHADO (1977, Curitiba – PR) é escritor, músico, compositor e professor. Tem dois CDs lançados com a banda Sad Theory e o livro de contos *A Voz do outro* (RJ, Ed. 7Letras, 2004).

CESAR BONDI (1956, Irati – PR) viveu desde a infância em Curitiba, onde estudou letras e filosofia etrabalhou como jornalista e publicitário. É autor dos livros de poesia *Esses homens à chapéus* (1980) e *As mulheres só todas* (1990) e seu conto *poemas foram publicados em diversos jornais e revistas*. Faleceu em Curitiba, em agosto de 2004, deixando o editório Eu, enquantomepersigo.

DELMORE SCHWARTZ (1913, Nova Iorque – EUA) publicou seu primeiro livro de contos aos 24 anos, *Indrements begin responsibilities*, que chamou a atenção de poetas como T.S. Eliot e Ezra Pound. Na trés décadas seguintes escreveu contos, poemas, peças e ensaios literários e foi professor de literatura. Um dos seus alunos foi o compositor Lou Reed, que escreveu algumas letras de música inspiradas nos seus poemas. Delmore Schwartz faleceu aos 53 anos de complicações causadas por dependência de álcool e drogas.

ELIANE PROLICK (1960, Curitiba – PR) é escultora. Estudou na Escola de Belas Artes do Paraná e na Accademia di Belle Arti di Brera (Milão, Itália). Participou, entre outras exposições coletivas, da Bienal Internacional de São Paulo (XIX, 1987 e XXV, 2002). De suas exposições individuais, a mais recente foi *Tuiuiú* (Pinacoteca - SP, 2004). Seu trabalho é marcado por uma poética de apropriações, sejam elas de fazer (antigas práticas artesanais de produção de objetos) ou de feito (objetos do cotidiano, produzidos industrialmente ou não).

ELIDA TESSLER (1961, Porto Alegre – RS) é artista plástica, professora e pesquisadora. Realizou doutorado em História da Arte Contemporânea na Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne (França), onde residiu de 1988 a 1993. Foi fundadora (1993) e coordenadora apresentada, junto com Jailton Moreira, o TORREÃO, espaço de produção e pesquisa em arte contemporânea, em Porto Alegre. Co-organizadora, junto com João Bandeira, do livro *Memória do Brasil*, de Evgeni Bavar (SP, Cossac & Naify, 2003). Participou de diversas exposições coletivas, entre elas, *Migrantes* (2004 – MARGS, RS) e realizou diversas exposições individuais, entre elas, *Vasos comunicantes* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2003) e *Falas inacabadas* (Galeria de Arte do Alpendre – Fortaleza, 2000).

FÁBIO MARQUES (1965, Manhuaçu – MG, em 1965) é poeta e jornalista. Publicou, entre outros, os livros de poesia *Samplers* (2000) e *Meu pequeno fim* (2002). É editor do Suplemento Literário de Minas Gerais. Mora em Belo Horizonte.

FRANKLIN ALVES (1973, Niterói – RJ) é poeta. Graduou-se em Português / Literaturas (UFF) e tem ensaios publicados sobre Glauco Mattoso, Jorge Luis Borges, Júlio Castilho e Guimarães (este em parceria com Leonardo Gandolfi).

JAILTON MOREIRA é artista multimeios, curador e professor. Entre suas principais individuais figuram *Desenhos ordinários* (MAC-RS, 1994) e *Vé quem vé quem* (UnB, Brasília, 1999). Em 1993, junto com Elida Tessler, criou o espaço Torreão (Porto Alegre).

MARINA OLIVETTI (1952, Porto União – SC) é artista plástica. Realizou várias exposições individuais e coletivas, entre elas, Quinta, vinte e cinco do nove (Galeria Sesc Paulista, 2003) e Panorama da arte paranaense (Oscar Niemeyer, 2002). Mora em Curitiba.

MANOEL RICARDO DE LIMA (1970, Parnaíba – PI) é poeta e professor de literatura e semiótica. Publicou *Falas inacabadas - objetos e um poema*, com Elida Tessler (Tomo, RS, 2000), *Embrulho* (7Letras, RJ, 2000), *As mãos* (7Letras, RJ, 2003), entre outros. Mora em Florianópolis (SC).

MAURÍCIO BENEGÁ (1977, São Paulo – SP) é artista plástico e desenhista de HQ. Tem formação em artes visuais e computação gráfica. Realizou várias exposições individuais e participou de salões de arte e humor e exposições coletivas. Mora em Curitiba desde 1985.

MICHAEL MELAMED (1976, Rio de Janeiro – RJ) é apresentador e roteirista dos programas Comentário Geral (TVE / Rede Brasil) e Lembranças do Brasil (GNT). Integra o elenco do espetáculo *Woyzeck*, O Brasileiro e participou da fundação do projeto CEP 20.000. Publicou o livro *Regurgitofagia* (2004) e é autor do espetáculo homônimo (2004).

MICHELINE VÉRUSCHK (1972, Recife – PE) é poeta e historiadora. Publicou os livros de poesia *Geografia intima do deserto* (2003) e *O observador ondulado* (2004). Suas poesias integram antologias *Navirados séculos* - poesias de invenção no Brasil (2003), org. Cláudio Daniele, Frederico Barbosa, e *Invenção Recife* (2004), org. Delmo Montenegro e Pietro Wagner. Mora em São Paulo (SP).

VALÉNCIO XAVIER (1933, São Paulo – SP) é escritor. Autor, entre outros, dos livros *Mez da Grippe* e outros livros (SP, Cia. das Letras, 1998), *Meusétimodias* (SP, Ciências do Acidente, 1999) e *Crimes à moda antiga* (SP, Publifolha, 2004). Mora em Curitiba.

VERONICA STIGGER (1973, Porto Alegre – RS) é escritora, pesquisadora e crítica de arte. Seu primeiro livro de contos, *O trágico e outras comédias*, foi publicado em Portugal (pela Angelus Novus, 2003) e, posteriormente, em versão brasileira (pela 7Letras, 2004). Integrou a direção da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCRA).

VIRNA TEIXEIRA (1971, Fortaleza – CE) é poeta. Publicou *Visita pela editora* 7 lettras em 2000. Mora em São Paulo (SP).

WAGNER MANGUEIRA (1965, Marília – SP) é escritor. Autor de *Agaveta e Pô* (edições independentes, em 2001 e 2002), *Vamos passar na floresta?* e *Prata* (ambos pela Editora Medusa, em 2003 e 2004).

oroboro

revista de poesia e arte - 2

dezembro.janeiro.fevereiro - 2004/2005

ISSN 1807-0248

Editores Eliana Borges e Ricardo Corona
Programação visual e fotografia Eliana Borges
Editoração eletrônica Geucimar Brilhador
Revisão Angelo R. L. Zorek Conselho editorial
Antonio Cicero (RJ), Charles A. Perrone (EUA),
Eduardo Kac (EUA), Flávia Rocha (PR),
Isabel de Castro (RS), Joca Wolff (SC), Key
Imaguire Jr. (PR), Marcelo Sandmann (PR),
Mário Câmara (Argentina), Manoel Ricardo
de Lima (CE), Ricardo Aleixo (MG), Ricardo
Lírias (SP), Rubens Pileggi Sá (PR) Impressão
Bandeirantes

Uma publicação da Editora Medusa



Caixa Postal 5013
Curitiba – Paraná – Brasil
CEP 80061-990
editoramedusa@brturbo.com
editoramedusa@hotmail.com
Vendas: Roberto Carlos

Distribuição nacional
(somente em livrarias)

ILUMINURAS

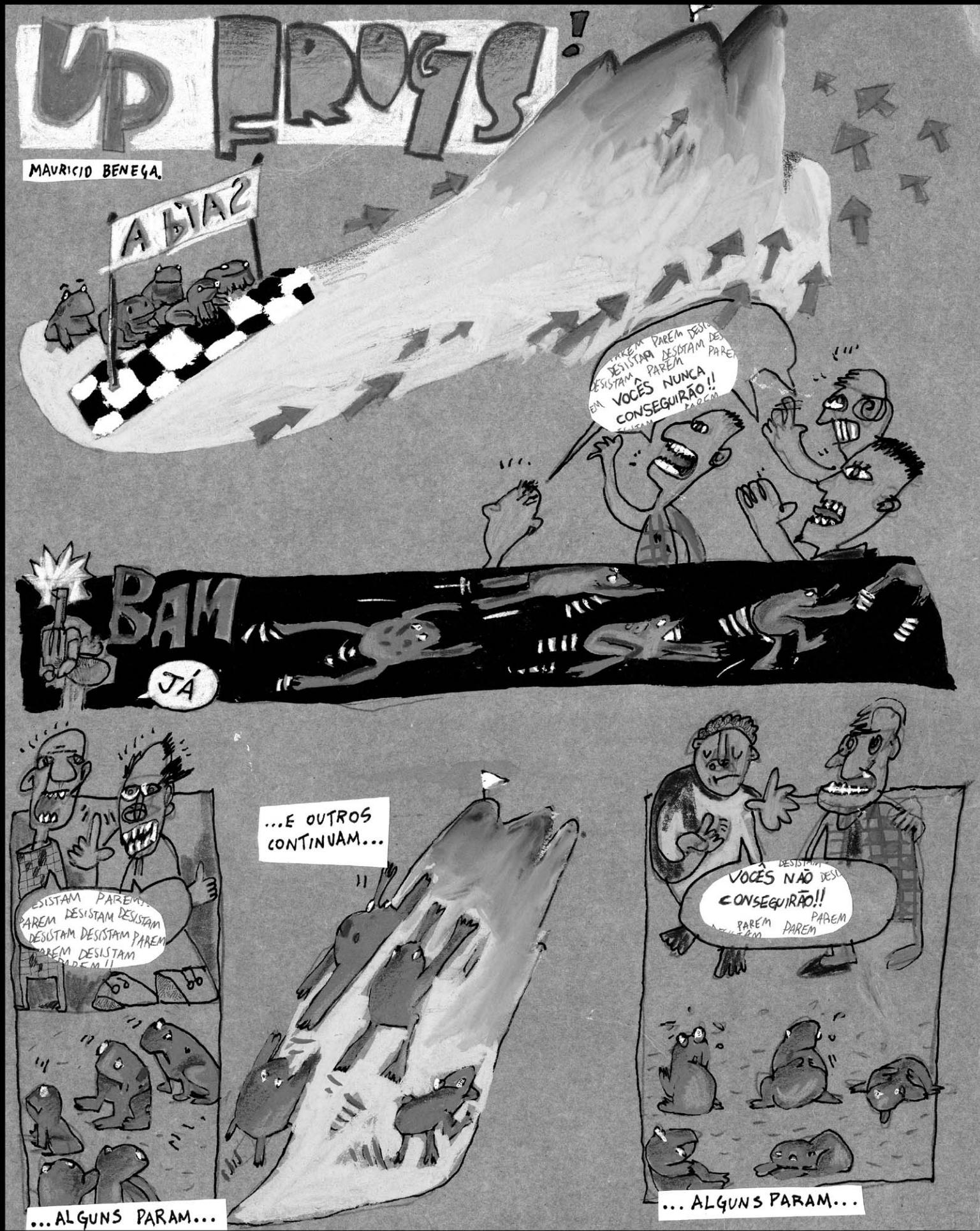
www.iluminuras.com.br

Projeto editorial beneficiado pela
Lei Municipal de Incentivo à Cultura



Incentivador





... E OUTROS
CONTINUAM...



... ALGUNS PARAM...



... ALGUNS PARAM...

... E OUTROS
CONSEGUEM !!!



Mauricio
Benegas
2001

MORAL da HISTÓRIA:
SER DIFERENTE É PARA Poucos.



ISSN 1807-0248



9 771807 024001